

38

Alexandre Fernandes e Sílvia Bocanera Junior

GRANDE REVISTA BAHIANA



O Meio do Mundo



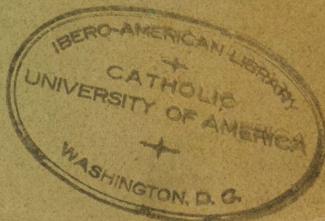
EM 1 PROLOGO

3 ACTOS

E

GRANDIOSA APOTHEOSE

1897



PO
9697
.F476
1897

O MEIO DO MUNDO

GRANDE REVISTA BAHIANA

EM

1 Prologo, 3 Actos e Grandiosa Apotheóse

DIVIDIDA EM 13 QUADROS

E

Ornada de 38 Numeros de Musicas Populares e de Operetas Modernas

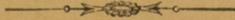
ORIGINAL

DE

ALEXANDRE FERNANDES

E

Silio Boccanera Junior



B A H I A

Typ. e Encadernação do «Diario da Bahia»

101—Praça Castro Alves—101

1897

Reservados os direitos dos autores, que protestam contra a impressão ou representação desta REVISTA em qualquer parte, sem licença dos mesmos.

6382.

THEATRO

DE

Alexandre Fernandes e Sílio Boccanera Junior

DRAMAS

O GRITO DA CONSCIENCIA—em 5 actos (Esgotada a primeira edição).

ADELIA CARRÉ—em 3 actos (A imprimir).

REVISTAS COMICAS

O DIABO NA BEOCIA—em 1 prologo, 3 actos e uma apothéose, dividida em 9 quadros e ornada de 28 numeros de musica. (Esgotada a primeira edição—Representada pela primeira vez no Theatro *Polytheama Bahiano*, em a noite de 25 de Maio de 1895—Empresa dramatica Moreira de Vasconcellos & Silva).

O MEIO DO MUNDO—em 1 prologo, 3 actos e uma apothéose, dividida em 13 quadros e ornada de 38 numeros de musica (Impressa).

A FILHA DO DIABO—em 1 prologo, 2 actos e uma apothéose, ornada de 17 numeros de musica, escripta para o Grupo Dramatico—Flaviano Coelho (A imprimir).

COMEDIAS

A FRÔR DA ARTA SOCIADADE—comedia de costumes em um acto, ornada de 9 numeros de musicas populares—(Impressa) Representada pela primeira vez no theatro *S. João da Bahia*

em a noite de 14 de Novembro de 1896—Grupo Dramatico Flaviano Coelho.

AS AREIAS DO PRADO—comedia-revista em um acto, ornada de 4 numeros de musica (A imprimir).

A BATALHA DOS PASSAROS—comedia-revista em um acto, ornada de 4 numeros de musica (A imprimir).

EM PREPARO

O REI DINHEIRO—Revista comica de 1896.

O THEATRO MODERNO—Comedia em um acto.

O VIOLÃO NA PONTA!...—Comedia de costumes em um acto, ornada de 8 numeros de musicas populares.



PERSONAGENS DA REVISTA



Mr. Beef	O Sr. Janjão
Mercurio	Cosme das Virgens
Pedro Botelho	Faustina
O Promotor	A Imprensa
O Advogado	O Redactor
O Jurado	O Assignante de gazetas
O Flautista	A Verba
O Chefe da Estação	O Empreiteiro
A Esposa	O Palacio
A Sogra	O Jogo
O Superintendente	O Filante
Sinhá Mariquinhas do Bico Roxo	O Bicorio
O Policial	O Bond
O Proprietario de casas	O Deputado
O Senado	O Patronato
A Assembléa	O Filhotismo
A Saude do Porto	A Politicagem
O Orphanato União	A Comp. Bahiana
O Invalido	A Comp. do Queimado
A Beata	A Loteria
A Doutoranda	A Policia
D. Jogatina	A Subscrição
O Vendedor de Kagados	A Manifestação
O 2 de Julho	O Zé-Povinho
A Comp. Vehiculos Economicos	O Corneteiro
A Normalista	O Official
A Sociedade	A Opinião Publica
O Barão	O Sachristão
A Baroneza	O Sineiro
D. Luizinha	O Regente
	A Folha Official
	A Folha da Opposição

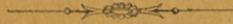
Os sete Peccados

As sete Pragas

O Mascarado	3.º Senador do 1.º Grupo
A Mulata Velha	4.º » » » »
A Escocesa	Presidente do 2.º Grupo de
O Litterato	Senadores
O Critico	1.º Senador do 2.º Grupo
O Collaborador	2.º » » » »
1.º Juiz do Tartaro	3.º » » » »
2.º » » » »	4.º » » » »
3.º » » » »	1.º Popular
4.ª Voz » »	2.º »
2.ª » » » »	3.º »
3.ª » » » »	4.º »
4.ª » » » »	5.º »
1.ª Sombra Vigilante	1.º Microbio
2.ª » » » »	1.ª Mulher do povo
3.ª » » » »	2.ª » » » »
4.ª » » » »	1.º Soldado
5.ª » » » »	2.º »
1.ª Alma do Outro Mundo	1.º Espanador
2.ª » » » » »	2.º »
3.ª » » » » »	1.º Individuo
4.ª » » » » »	2.º »
1.º Inquilino	1.º Musico
2.º »	2.º »
3.º »	3.º »
1.º Desconhecido	4.º »
2.º »	1.º Cantor
Presidente do 1.º Grupo de	2.º »
Senadores	Um Policiador
1.º Senador do 1.º Grupo	Um Menino
2.º » » » » »	

Sombras Vigilantes, Almas do Outro Mundo, Homens e Mulheres do Grupo dos Microbios, Senadores do 1.º Grupo, Senadores do 2.º Grupo, Mulheres do Grupo das Uvas, Dois Velhos, Dois Caboclos, Soldados, Aggressores, Batalhões patrioticos e Populares.

NUMEROS DE MUSICA DA REVISTA



- 1 Côro das Sombras Princeza Azulina
- 2 Tercetto dos Juizes O Tio Celestino
- 3 Coplas de Mercurio e Côro das Sombras Maria Cachucha (Popular)
- 4 Côro das Almas do Outro Mundo e das Sombras Ai! Ai!...
- 5 Coplas de Pedro Botelho e côro das Sombras O Abacaxi
- 6 Coplas e duetto (Advogado e Promotor) e côro das Sombras Quem quizer chorar (Popular)
- 7 Côro final do Prologo Palomita
- 8 Côro dos Populares Fui ao Tóróro »
- 9 Coplas do Genro Tenho medo do tútú »
- 10 Coplas e duetto (mr Beef e Sinhá Mariquinhas.) Xô, Carocha »
- 11 Coplas do Presidente do 1º Grupo de Senadores Vem cá, Bitú »
- 12 Coplas do Presidente do 2º Grupo de Senadores Chora Mané, não chora »
- 13 Côro dos Microbios El Alabardero
- 14 Tango da Beata. . . . Princeza dos cajueiros (*Amor tem fogo*)
- 15 Coplas da Doutoranda My Darling
- 16 Coplas da Normalista Lieb' Aennchen
- 17 Dansa da Classe Aristocratica Os Lanceiros
- 18 Dansa da Classe Média A Preciosa (Schotish)
- 19 Côro das Pragas e dos Pecados Sinhá Mariq^s, por seu motivo (Popular)

- 20 Recitativo do Bond . . . Zwã Sterndlan
 21 Coplas da Politicagem e cõro Perles de Madrid
 22 Recitativo do Jogo. . . . Paulita
 23 Coplas da Companhia Bahiana e cõro. . . . A Dengosa
 24 Recitativo do Filante . . Tim-Tim
 25 Coplas da Companhia do Queimado e cõro . . . Il était une fois...
 26 Coplas do Bicorio e cõro . Eu móro em Catumby
 27 Recitativo da Loteria. . . Vergissmeinnicht
 28 Coplas do Deputado e cõro Gosto d'ella só por isto...
 29 Recitativo da Policia. . . Billet doux
 30 Duetto (Subscrição e Manifestação) e cõro. . . Gabéro
 31 Duetto (Patronato e Filhottismo) e cõro . . . Herzblattchen
 32 Cõro das Pragas e dos Peccados-final do 2º. acto . Estou preso meu bem! (Popular)
 33 Cõro das Uvas Tango das Moças
 34 Duetto dos Espanadores . Um inteiro e dois quartos
 35 Tercetto (Critico, Redactor e Collaborador) O Tio Celestino
 36 Marcha do Batalhão Patrio-2 de Julho. Dobrado «Augusto de Carvalho»
 37 Coplas de ranchos populares Meu boi vaqueiro (Popular)

APOTHEOSE

N. 38

CORO FINAL

GRANDIOSO E PATRIOTICO HYMNO POPULAR BAHIANO

DOIS DE JULHO

Aos Distinctos Cavalheiros

José Alves Ferreira

E

Albino Magalhães

DIRECTORES DO THEATRO « POLYTHEAMA BAHIANO »

O. D. C.

OS AUTORES.

PROLOGO



PERSONAGENS

Mr. Beef	3. ^a Sombra Vigilante
Mercurio	4. ^a » » »
Pedro Botelho	5. ^a » » »
O Promotor	1. ^a Alma do Outro Mundo
O Advogado	2. ^a » » » »
O Jurado	3. ^a » » » »
1. ^o Juiz do Inferno	4. ^a » » » »
2. ^o » » »	1. ^a Voz
3. ^o » » »	2. ^a »
1. ^a Sombra Vigilante	3. ^a »
2. ^a » » »	4. ^a »

Sombras Vigilantes e Almas do Outro Mundo.



NUMEROS DE MUSICA

1. ^o Côro das Sombras . . .	Princesa Azulina
2. ^o Tercetto dos Juizes . . .	O Tio Celestino
3. ^o Coplas de Mercurio e côro das Sombras	Maria Cachucha (Popular)
4. ^o Côro das Almas do Outro Mundo e das Sombras . . .	Ai! Ai!
5. ^o Coplas de Pedro Botelho e côro das Sombras. . . .	O Abacaxi (<i>O Genro</i>)
6. ^o Coplas e duetto (Advogado e Promotor) e côro das Sombras.	Quem quizer chorar (Popular)
7. ^o Côro final.	Palomita

PROLOGO

QUADRO I

O REINO DAS SOMBRAS

O scenario representa cavernas subterraneas do Tartaro. A' direita um rochedo onde sentam-se os Juizes do Inferno; outros pequenos rochedos em semi-circulo pela scena, de onde surgem as Sombras Vigilantes; ao fundo E uma gruta communicando com o alçapão, dando entrada em scena aos Juizes, a Mercurio e ás Almas do Outro Mundo. Igual gruta a D. fundo, por onde sae Pedro Botelho—Symbolos representando o Remorso, a Morte e a Agonia—Ornamentação de côr sulferina, illuminada na primeira scena e na ultima a fogos cambiantes.

SCENA I

Após a prothophonia pela orchestra, ao expirar a ultima nota, ouvem-se doze badaladas estridentes e compassadas no interior do palco, subindo o panno rapidamente ao soar a ultima badalada, e rompendo immediatamente a orchestra com a musica n. 1. Do interior dos pequenos rochedos, surgem as Sombras Vigilantes, que vestem mortaldas brancas dos pés á cabeça, com largas e compridas mangas, tendo a fronte cingida de cobras vermelhas.

(N. 1)

CÔRO DAS SOMBRAS

Somos as Sombras Vigilantes
Deste Tartaro profundo,
P'ra fiscalisar as almas
Que nos chegam do outro mundo!

Não ha empenho nem compaixão
Que nos commova na execução!

Ninguém aqui o nariz mette
Pae alcaide aqui não está;
Basta ser lida a sentença,
E appellação não ha!

Não ha empenho nem compaixão
Que nos commova na execução!

Só vae para os *Campos Elysios*
Quem fôr julgado innocente,
O culpado segue logo
P'ra caldeira incandescente!

Não ha empenho nem compaixão
Que nos commova na execução!

1.^a **Sombra**—Apoiadissimo! Aqui ninguem mette o bedelho!

2.^a **Sombra**—Nem o dente!

3.^a **Sombra**—Nem a lingua!

4.^a **Sombra**—Nem o olho!

5.^a **Sombra**—Nem o nariz!

Todas—Apoiado!...

1.^a **Sombra**—Nós somos a independencia liquida!

2.^a **Sombra**—Liquida não, liquidada!

3.^a **Sombra**—Ora cebo! Nós não somos nem liquida nem liquidada; nós somos espirituaes!

Todas—Isso, isso!...

4.^a **Sombra**—E não admittimos cantiga!

Todas—Muito bem!

5.^a **Sombra**—Nem empenhos!...

Todas—De certo!...

2.^a **Sombra**—(*adiantando-se*) Não, não, não e não! . . Isto é que não!

1.^a **Sombra**—Isto é que não porque?

Todas—Sim, porque?

2.^a **Sombra**—Porque graças ao empenho que trouxeram, o

nosso promotor e o nosso advogado conseguiram a maior protecção aqui no Tartaro. .

Todas—Ora, ora!...

2.^a Sombra—Ora, ora, não! O *Zé Roberto* e o *Mané Bahia* foram muito protegidos; agora neguem si são capazes...

5.^a Sombra—Não ha tal; o nosso 1.^o Juiz Rhadamanto, aproveitou essas duas almas, simplesmente porque ellas deixaram no outro mundo as melhores relações e relações commerciaes...

4.^a Sombra—Diz muito bem; relações commerciaes...

2.^a Sombra—E o que eram elles no rôl das coisas?

3.^a Sombra—Você sempre mostra que é novata aqui! Pois você não sabe que o *Zé Roberto* foi um grande corrector de fundos publicos?!...

1.^a Sombra—E particulares?...

2.^a Sombra—Não sabia...

5.^a Sombra—E que o *Mané Bahia* era negociante de grosso trato de bens de raiz?!...

2.^a Sombra—Não sabia...

1.^a Sombra—Pillulas! Você anda muito atrasada...

4.^a Sombra—O nosso tribunal é muito differente em certas coisas do tribunal do outro mundo.

1.^a Sombra—Os nossos juizes não fazem convenções.

Todas—E' verdade!

5.^a Sombra—Nem arranjos...

Todas—E' exacto!

3.^a Sombra—Nem promessas politicas!

Todas—E' verdade!

2.^a Sombra—Nem cobres?...

5.^a Sombra—Qual! Aqui não se fala em dinheiro.

Todas—E' verdade!...

4.^a Sombra—E tanto não se fala em dinheiro que não ha aposentadorias nem governos em duplicata...

Todas—Muito bem! muito bem! (*grande rumor de pratos na orchestra*).

3.^a Sombra—Silencio! Chegam os nossos Juizes... (*As Sombras Vigilantes fazem alas; — abre-se grande relampago á entrada da gruta e fundo e apparecem os Juizes, que descem á scena. Trajam roupas vermelhas e pretas, trazendo todos na mão uma vara de dois metros de comprimento, onde se*

enroscam grandes serpentes verdes.—As Sombras ficam perfiladas, com os braços estendidos horizontalmente, e repetem, acompanhadas pela orchestra, com toda pausa e gravidade, o estribilho):

CÔRO DAS SOMBRAS

Não ha empenho, nem compaixão,
Que nos commova na execução !...

SCENA II

AS SOMBRAS VIGILANTES E OS JUIZES

1.º Juiz—Sim, respeitaveis *Sombras Vigilantes*, nada póde corromper o vosso Tribunal, porque é preciso que se saiba...

2.º Juiz e 3.º (*a um tempo*)—Apoiado !

1.º Juiz—Que nós...

(N. 2)

TERCETTO DOS JUIZES

Somos tres Juizes,
Somos tres Juizes,
Para condemnar
Os infelizes !...

Aqui no Tartaro
Nesta occupação,
Oh ! que alegria,
Que pagode, que vidão !

(*dansam a 2.ª parte da musica.*)

Bis {
Somos tres Juizes,
Somos tres Juizes,
Para condemnar
Os infelizes !...

(*dansam a 2.ª parte da musica.*)

1.º Juiz—Sombras Vigilantes, abri bem o vosso olho e o vosso ouvido para que bem possaes ver e ouvir a magna sessão do encerramento de nossos trabalhos seculares!

2.º Juiz e 3.º (*a um tempo*)—Apoiado! Apoiado!...

1.º Juiz—Durante o seculo que hoje termina, tivemos a rara felicidade de, neste curto espaço de tempo, acabar um processo cujos autos não tivemos occasião de ver, em virtude da presteza com que trabalhamos; mas isso em nada prejudica o processo, porque o nosso honrado Promotor ha de pôr os pontos nos ii.

2.º Juiz e 3.º (*a um tempo*)—Muito bem! Apoiado!

1.º Juiz—Na minha viagem ao *Meio do Mundo*, procurei um systema completo e summario para estes trabalhos, e sómente lá pude encontrar o melhor systema para nós, Juizes .. Temos uma differença vantajosa, que é de seculo em seculo nos reunirmos, emquanto que os Tribunaes do *Meio do Mundo* nem de seculo em seculo se reúnem.

2.º Juiz e 3.º (*a um tempo*)—Apoiado! Apoiado!

1.º Juiz—Honra e gloria, portanto, aos vossos Juizes ..

Sombras Vigilantes—Honra e gloria!...

2.º Juiz e 3.º (*a um tempo*)—Honra e gloria!...

1.º Juiz—Onde está Mercurio, o virtuoso conductor das almas do outro mundo?...

Sombras Vigilantes—Eil-o!...

SCENA III

OS MESMOS E MERCURIO

Mercurio—(*surge da gruta a E fundo, por entre relampagos, vestido mythologicamente; desce rapido ao proscenio e canta*):

(N. 3)

Bis { Eu sou o Mercurio, conductor das almas
 Que do outro mundo p'ra o Tartaro vêm;
 A não ser dos nossos tres grandes Juizes,
 Não recebo ordens nem sirvo a ninguem!

CÔRO GERAL DAS SOMBRAS

A não ser dos nossos tres grandes Juizes,
Não recebe ordens, nem serve a ninguem!

Mercurio

Bis { Passo vida alegre, folgada e contente,
Faço tudo quanto desejo fazer!
Tenho mil amantes que por mim suspiram,
Tenho carta branca p'ra todo o prazer!

CÔRO GERAL DAS SOMBRAS

As suas amantes, por elle suspiram,
E tem carta branca p'ra todo o prazer!...

Mercurio

Bis { Solteira ou casada, viuva ou donzella,
Por mim logo sente de amor o grilhão!
Deixo alguns maridos numa roda viva,
E sou pae dos filhos que a seu lado estão

CÔRO GERAL DAS SOMBRAS

Deixa alguns maridos numa roda viva,
E é pae dos filhos que a seu lado estão!

1.º Juiz.--Ora deixe-se de cantigas... Então você pensa que nós não temos mais que fazer sinão ouvir a historia de seus amores?!... Então você pensa que a melindrosa posição de um Juiz no *Tartaro* é um páo por um olho?...

2.º Juiz e 3.º (*a um tempo*)--Apoiado!...

Mercurio.--Respeitaveis Juizes, o vosso obediente Mercurio curva-se á vossa presença, esperando as vossas ordens; permitti, porém, que eu, que nunca me queixei, peça-vos neste momento uma providencia a fim de poder manter a ordem perturbada pelas almas que trouxe do outro mundo e que se acham na gruta do soffrimento!

1.º Juiz--E o que estão ellas fazendo?

Mercurio--Reclamam contra a demora do processo; injuriam-me constantemente; chamam-me fabricante de camisas e carapuças; dizem que eu quero sedusil-as, e ultimamente

disseram que eu sou um procurador *fresco* dos senhores Juizes...

1.º Juiz—Procurador *fresco*!... Que é que você está dizendo?!... Pois então, por esperar um seculo para o seu julgamento, esta sucia tem o direito de fazer este barulho e até de insultar?!... Pois ainda não estão acostumados com os tribunaes do *Meio do Mundo*?!... Mercurio, mande abrir a caldeira do Pedro Botelho e metta tudo dentro!

2.º Juiz e 3.º (a um tempo)—Apoiado!

Mercurio—Não é tudo ainda: ha entre ellas a de um inglez que eu trouxe hontem da ilha da Trindade, que tem feito um desespero! Leva só a puxar o colossal nariz de um francez que morreu no *Amapá* onde foi observar a passagem de um cometa...

1.º Juiz—Este é que é o desespero?

Mercurio—Qual!... Faz uma gritaria terrível, bradando constantemente: *Monsiú, Monsiú Amapá, virra olha p'ra céu e nariz p'ra cuméte*...

1.º Juiz—P'ra onde?

Mercurio—Para o cometa, quer elle dizer...

1.º Juiz—Pois é justamente esse inglez que vae entrar hoje em julgamento (*virando-se para as Sombras*) Sombras Vigilantes, ha no *Meio do Mundo* o costume de ficar *ad libitum* dos Juizes a escolha deste ou daquelle criminoso para o julgamento, e eu querendo neste ponto imitar os Juizes do *Meio do Mundo*, resolvo, em primeiro *primo loco* adiar para o outro seculo o processo que iamos julgar hoje; e em segundo *primo loco*, mandar buscar immediatamente o tal inglez da ilha da Trindade para ser julgado, visto o grande interesse que elle me desperta!

2.º Juiz e 3.º (a um tempo)—Apoiado!

Mercurio—E ficamos logo livres de semelhante *urso*!

1.º Juiz—Apezar de não conhecermos o seu processo, estou convencido de que o nosso illustre Promotor dará o recado da melhor forma possivel (*para as Sombras*) Não achaes que procedo correctamente?

Sombras Vigilantes—Sim, sim, correctamente...

Mercurio, 2.º Juiz e 3.º (a um tempo)—Correctissimamente! (*ouve-se grande algazarra no interior*).

- 1.^a Voz (no interior)—E' um escandalo!
- 2.^a Voz (no interior)—Uma arbitrariedade!
- 3.^a Voz (no interior)—Como é que se leva cem annos sem culpa formada?!
- 4.^a Vóz (no interior)—Mim protesta! Mim protesta!
- Todas as Vózes (no interior)—Protestamos!...
- 1.^o Juiz (para Mercurio)—Que é isto?
- Mercurio—São as almas do outro mundo!
- 1.^a Sombra Vigilante (dirigindo-se ao fundo da scena)—Não podem penetrar no Tribunal!
- Todas as Sombras—Não podem, não podem!. (Correm para o fundo da scena)
- 1.^a Voz (no interior)—Fóra Mercurio! Fóra o Tribunal!
- Todas as Vózes (no interior)—Fóra, fóra, fóra!...
- 1.^o Juiz (bate tres vezes com a vara no chão, e o bombo e pratos da orchestra reproduzem os pancadus distinctamente—As Sombras Vigilantes voltam a seus logares) Mercurio, conduza aqui as almas do outro mundo!
- Mercurio—Já!... (sae e momentos depois volta conduzindo as almas do outro mundo. Entre ellas vem a de um inglez, de roupa de quadros, capacete com grande panno branco, cujas pontas caem-lhe pelas costas, uma bolsa a tiracollo, mãos amarradas ás costas por grande cobra, cuja cabeça sóbe-lhe pelo hombro e fica virada, com a bocca aberta e lingua de fóra, olhando para o nariz do inglez—As outras almas trazem roupas apertadas, representando esqueletos e os rostos com os respectivos traços, tendo uma dellas, a 4.^a, um enorme nariz com o qual o inglez dá visiveis demonstraões de implicar—As Sombras ficam todas de um lado, os Juizes e Mercurio do outro e as Almas no centro).

SCENA IV

OS MESMOS E AS ALMAS DO OUTRO MUNDO

(N. 4)

CÔRO DAS ALMAS

Somos as *Almas* do outro mundo,
 Vimos saber neste momento,
 Qual é o dia combinado
 Para o nosso julgamento!

Mercurio tem pintado o sete,
Com elle aqui ninguem descansa,
Si continúa no brinquedo,
Vamos entrar em contradansa!

(*dansam a 2ª parte da musica*)

CORO GERAL

S O M B R A S E A L M A S

Sombras

Ellas são *Almas* do outro mundo
Querem saber neste momento,
Qual é o dia combinado
Para o seu julgamento!

Almas

Nós somos *Almas* do outro mundo
Vimos saber neste momento,
Qual é o dia combinado
Para o nosso julgamento!

(*dansam a 2ª parte da musica*)

1.º Juiz—Eu não admitto reclamações; o julgamento ha de ser feito em occasião opportuna (*para Mercurio*) E' aquelle o tal inglez que você trouxe hontem da ilha da *Trindade*?

Mercurio—E' elle mesmo.

1.º Juiz—(*para o inglez*) Um passo á frente, *seu cara de siri boceta*...

Mr. Beef—Mim non tem boceta! (*aproxima-se*).

1.º Juiz—Illustres Juizes e collegas meus, vamos proceder á sessão para o julgamento desta alma do outro mundo (*aponta para o inglez*).

As outras Almas—E nós, e nós?...

1.º Juiz—Vocês ficam para o outro seculo, não tenham pressa.

2.º Juiz e 3.º—(*a um tempo*) Apoiado!

Mercurio—Apoiadissimo, ficam para o outro seculo! Arre, bem feito!

1.ª Alma—Cale a bocca, *seu fabricante de carapuças*!...

2.ª Alma—Onze letras!...

3.ª Alma—Procurador *fresco*!...

1.º Juiz—(*batendo fortemente com a vara no chão, reproduzindo o bombo e os pratos na orchestra a pancada*) Silencio!

Mercurio—Senhor Juiz, onde é que já se viu isto?!... Chamarem-me de Procurador *fresco*!... Que falta de respeito!...

Sombras Vigilantes—Que falta de respeito!...

Mr. Beef—(para a 4.^a Alma, a do francez) Vira sua nariz p'ra traz... Então meu bocca dá venta p'ra você toma respira-dura?! . . .

4.^a Alma—*Oui, monsieur.*

1.^o Juiz—Atenção (batendo com a vara no chão, reproduzindo o bombo na orchestra, etc.)

2.^o Juiz e 3.^o—(a um tempo) Atenção! (batem com as varas no chão, reproduzindo o bombo, etc.)

1.^a Alma—Isto não é Tribunal!...

1.^o Juiz—Atenção! (bate com a vara, etc.)

Todas as Almas—Não é!... Não é!...

2.^a Alma—Queremos ser julgadas hoje!

Todas as Almas—Queremos ser julgadas hoje!...

1.^o Juiz—Atenção, já disse! (bate furiosamente com a vara, etc)

Sombras Vigilantes—Atenção!...

1.^o Juiz—Não admitto imposições das senhoras almas do outro mundo! E para que não continue semelhante falta de disciplina e de consideração, vou chamar immediatamente o Pedro Botelho para trancafiar-as na caldeira!...

Mercario—E sem appellação nem agravo!...

2.^o Juiz e 3.^o—(a um tempo) Apoiado!

1.^o Juiz—Pedro Botelho! (batendo com a vara no chão etc.)

SCENA V

OS MESMOS E PEDRO BOTEIHO

Pedro Botelho—(surgindo da gruta a D. fundo) Prompto!

(N. 5)

Eis aqui vosso Pedro Botelho,
Director da caldeira infernal,
Vem saber si hoje tem julgamento,
Receber ordens do Tribunal!

Ha cem annos que tenho a fornalha
Toda prompta, porem sempre em vão,
E si assim continúa, termino
Por pedir-vos minha demissão!...

CÔRO DAS SOMBRAS VIGILANTES

Ha cem annos que tem a fornalha
 Toda prompta porém sempre em vão,
 E si assim continúa, termina
 Por pedir a sua demissão!...

Pedro Botelho

Ha cem annos não ha condemnados,
 Um processo ha cem annos se fez;
 Isto está parecendo pilheria,
 Que é preciso acabar de uma vez!

Na verdade, senhores Juizes,
 E' preciso as caldeiras encher,
 Ao contrario abandono este emprego,
 De outro modo procuro viver!

CÔRO DAS SOMBRAS

Na verdade, senhores Juizes,
 E' preciso as caldeiras encher,
 Ao contrario elle deixa este emprego,
 De outro modo procura viver!...

Mr. Beef—(*para a 4.^a Alma*) Mim vae mette sua nariz na bu-
 raca de sinhá Pedro Botelho...

4.^a Alma—*Oui, monsieur... (com toda resignação).*

1.^o Juiz—(*para Pedro Botelho*) Ora não seja tolo; pois você
 acha pouco o grande trabalho que nós temos aqui?

Pedro Botelho—Pois eu acho que tenho toda razão!...

2.^o Juiz e 3.^o—(*a um tempo — para Pedro Botelho*) Apoiado!

1.^o Juiz—Hein?!.. Apoiado?!..

2.^o Juiz e 3.^o—(*a um tempo — para Pedro Botelho*) Não
 apoiado!...

1.^o Juiz—Oiça cá, Pedro Botelho: você que se emprega
 aqui no *Tartaro* em sacudir as almas do outro mundo ás cal-
 deiras, pôde tomar conta daquellas, com exepção daquelle
 inglez, e para isso foi que o chamei aqui!...

As Almas do Outro Mundo—Protestamos! Protestamos!..

1.º Juiz—(para Pedro Botelho) Cumpra o seu dever!

2.º Juiz, 3.º e Mercurio—(a um tempo) Apoiado!

Pedro Botelho—(para as Sombras) Sombras Vigilantes, ajuda-me (as Sombras envolvem as Almas com os braços, desapparecendo todos—Almas, Sombras e Pedro Botelho—por entre relampagos e trovões).

SCENA VI

OS JUIZES, MERCURIO E MR. BEEF

1.º Juiz (para Mercurio)—Ora muito bem; agora vamos sem mais demora fazer o julgamento daquelle rée...

Mr. Beef—Mim non está aqui por réo, mim non admitte insultas...

1.º Juiz—Cale-se! (para Mercurio) Vá chamar o Promotor e o Advogado. (Mercurio obedece). E vamos acabar com isto para descansarmos...

2.º Juiz e 3.º (a um tempo)—Apoiado!

SCENA VII

OS JUIZES, MR. BEEF, AS SOMBRAS VIGILANTES E DEPOIS MERCURIO, O PROMOTOR E O ADVOGADO

1.ª Sombra—Está tudo liquidado! Pedro Botelho abriu a sua velha caldeira, nós pegamos nas almas do outro mundo e zás...

(Mercurio, o Promotor e o Advogado entram por entre relampagos, correndo ao proscenio de mãos dadas, ficando Mercurio no centro. — Curvam se diante dos Juizes e das Sombras—Mercurio em seguida remonta e o Promotor e o Advogado cantam.)

(N. 6)

Advogado

Bis { Eu sou o Mané Bahia
Do Tartaro Advogado
De bens de raiz na Terra
Negociante afamado!

Sou o *Bahia*
 O Advogado,
 Negociante
 Muito afamado.

CÔRO DAS SOMBRAS

Elle é o *Bahia*
 O Advogado,
 Negociante
 Muito afamado !

Promotor

Bis { Eu me chamo *Zé-Roberto*,
 E sou daqui Promotor,
 E fui no *Meio do Mundo*
 Excellente corrector !

Sou *Zé-Roberto*,
 O Promotor,
 Fui excellente
 Corrector !

CÔRO DAS SOMBRAS

Elle é *Roberto*
 O Promotor,
 Foi excellente
 Corrector !

Advogado

Bis { Somos dois grandes talentos,
Promotor
 Sem rivaes nestes logares!
Advogado
 Só bens de raiz não temos,
Promotor
 Nem fundos particulares!...

Advogado e Promotor (*a um tempo*)

Somos talentos nestes logares,
 Sem bens nem fundos particulares !

CÔRO DAS SOMBRAS

São dois talentos nestes logares,
Sem bens nem fundos particulares!

1.º Juiz—Illustre membro da Promotoria! Illustre membro da defesa! Vós que tendes conhecido e observado as mais estranhas potencias de todos os paizes, use a da palavra para accusar e defender aquelle réo que va e entrar agora em julgamento... Tomemos as nossas posições...

2.º Juiz e 3.º (a um tempo)—Apoiado! (*Sentam-se os Juizes no grande rochedo que está em scena para este fim. O Promotor e o Advogado sentam-se oppostamente em um dos pequenos rochedos por onde surgiram as Sombras Vigilantes.*)

1.º Juiz—Mercurio, introdusa os senhores jurados... (*Mercurio sae e volta sem demora com um Jurado.*) Esperemos os jurados...

SCENA VIII

OS MESMOS E UM JURADO

Mercurio—Só encontrei este...

Jurado—Respeitaveis Juizes, venho em nome de meus collegas participar-vos que não podemos nos reunir para a presente sessão secular, por varios e imperiosos motivos...

1.º Juiz—Pois estão todos multados.

Jurado—Respeitaveis Juizes, em meu nome e no de meus collegas, venho pedir-vos relevação da multa, por varios e imperiosos motivos...

Promotor—Tal qual o que se vê todos os dias lá no *Meio do Mundo!*

1.º Juiz—Neste caso suspendo a multa.

Jurado—Muito obrigado por mim e por elles. (*sae*)

SCENA IX

OS MESMOS, MENOS O JURADO

Advogado—Isto é que se chama um verdadeiro escandalo!

Bem disse o illustre membro da Justiça, que é tal qual como no *Meio do Mundo!* Não reúnem se os jurados e fazem-se as respectivas multas só para *inglez vêr...*

Mr. Beef—Mim protesta!...

1.º Juiz—(*para o inglez*) Cale a bocca, seu coisa. (*Para o Advogado*) E depois?

Advogado—Basta uma palavrinha para as multas ficarem suspensas...

1.º Juiz—E o que tem isto?

Advogado—Tem que eu já havia falado com todos os jurados, que são meus amigos particulares, para absolverem os réos que tivessem se ser hoje defendidos por mim neste Tribunal...

Promotor—E você já sabia quaes eram os seus constituintes?

Advogado—Eu não, mas é o mesmo.

Promotor—Ora bolas, senhor Advogado!...

Advogado—E o senhor sabe quaes são os réos que tem de accusar hoje? Conhece os processos?

Promotor—Eu não, mas é o mesmo...

Advogado—Ora bolotras, senhor Promotor...

1.º Juiz—Deixemo-nos de bolas e de bolotras... A ausencia dos jurados não prejudicou-nos...

Mercurio—(*espirrando fortemente*) Atchim!...

1.º Juiz—(*continuando*)... em coisa alguma (*para Mercurio*) Viva!... O nosso systema de hoje em diante ha de ser em tudo e por tudo igual ao do *Meio do Mundo*.

Quando o Juiz quèr absolver, os jurados absolvem; quando o Juiz quer condemnar, os jurados condemnam; portanto, desde que a vontade do Juiz é a que prevalece e os jurados não passam de simples figuras de papelão, nós não precisamos delles; e eu declaro que vae ser julgada agora aquella alma (*apontando o inglez*), e que á vista disto os senhores Promotor e Advogado prestem attenção devida ao interrogatorio do réo para fazerem depois a accusação e defesa. Está aberta a sessão do Tribunal.

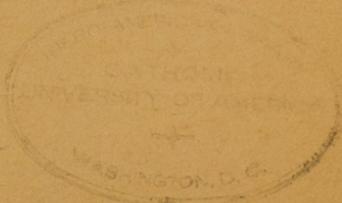
2.º Juiz—Está aberta a sessão...

3.º Juiz—Do Tribunal!

1.º Juiz—Mercurio, desembarace o réo (*Mercurio desamarra as mãos de inglez*).

2.º Juiz—Desembarace...

3.º Juiz—O réo...



1.º Juiz—(*para o inglez*) Tire a chapelleta e approxime se (*o inglez obedece*) Como se chama?

Mr. Beef—Mister Beef.

1.º Juiz—Que idade tem?

Mr. Beef—Mim non se lembra mais. . .

1.º Juiz—Onde nasceu?

Mr. Beef—Mim nasceu em cama de meu mãe. . .

1.º Juiz—Não é isto; estou perguntando onde foi a sua terra?

Mr. Beef—Oh! *yes*, Inglaterra, Inglaterra!

1.º Juiz—Onde estava quando morreu, quando Mercurio foi buscal-o?

Mr. Beef—*Ilha de Trindade*

1.º Juiz—Que fazia?

Mr. Beef—Mim estava monta caba submarina e estuda mina carvão de pedra. . .

1.º Juiz—Por ordem de quem?

Mr. Beef—De Inglaterra, dono de ilha de *Trindade*.

1.º Juiz—Você era casado, solteiro ou viuvo?

Mr. Beef—Mim está viuva. . .

1.º Juiz—Quantas vezes casou-se?

Mr. Beef—Vinte e cinco veses. . .

1.º Juiz—E teve vinte e cinco sogras?

Mr. Beef—*Yes*, vinte e cinco sogras; mim cria cabellas brancas de ter sogra. . .

1.º Juiz—Ora muito bem, tem a palavra o distincto membro da Justiça.

Promotor—(*levantando-se*) Respeitaveis Juizes! Illustres Sombras Vigilantes! . . . Distinctissimo Mercurio! Honrado membro da defesa! Eu vou falar.

Si bem que eu não conheça o processo, acho, pelo interrogatorio feito, que o réo merece ser condemnado porque casou-se vinte e cinco vezes e foi tão boa rolha que tendo no outro mundo vinte e cinco sogras, e apesar de ser *beef*, não foi devorado por nenhuma dellas. . .

Mr. Beef—Mim protesta em nome de minhas direitas! . .

Advogado—(*para o inglez*) Não dê cavaco com isto que eu vou defendel-o brilhantemente. . .

Promotor—Em vista, pois, de taes aggravantes, peço para o *Beef* o maximo da pena prevista pelo Art. 8.009 do nosso

codigo penal, isto é, que seja assado na caldeira do nosso Pedro Botelho! Nada de compaixão, senhores Juizes, porque é preciso antes de tudo respeitar a Lei e provarmos que mesmo sem o conhecimento dos processos sabemos fazer justiça! ... (*sentá se*).

Advogado--Mas o honrado membro da Justiça esqueceu se de ler o libéllo accusatorio, como manda a Lei e é do seu dever!

Promotor--Não li porque não m'o deram; si m'o tivessem dado eu teria lido, que não me custava nada...

Advogado--Peço a palavra...

1.º Juiz--Tem a palavra o honrado membro da defesa!...

Advogado (*levantando-se*)--Respeitaveis Juizes! Illustres Sombras Vigilantes! Distinctissimo Mercurio! Honrado membro da Justiça! Eu vou falar! Eu tambem não li o processo, nem sei si existe, senhores Juizes; mas o crime de que é injustamente accusado o meu honrado e distincto constituinte, que pela primeira vez tenho a satisfação de conhecer, é de tal importancia, que dispensa perfeitamente essa formalidade de nossa Lei! (*pausa, passa o lenço no rosto, tosse, cospe, etc., depois fita o réo demoradamente e exclama com voz tremula para causar sensação no auditorio.*) Criminoso!... Criminoso!... Criminoso!... (*elevando gradativamente a voz, conservando-a sempre mais ou menos tremula até o final da defesa.*)

Criminoso, tu, que vieste para aqui tranquillamente, como uma bombinha entrando pelo buraco de uma parede de convento de freiras! .. (*applausos das Sombras Vigilantes.*)

1.º Juiz--Silencio nas galerias! (*bate com a vara no chão etc.*)

Advogado (*continuando*)--Criminoso um homem que casou-se no outro mundo vinte e cinco vezes!... Criminoso um espirito que aguentou o repucho de vinte e cinco sogras, vinte e cinco mil vezes mais te: riveis do que mil caldeiras de Pedro Botelho! Ah!... senhores Juizes!... Eu appello para vós, eu appello para as *Almas Vigilantes* que se acham presentes, eu appello para todos vós que me ouvis!

Quem dentre vós, espiritos hoje immortaes; não teve no outro mundo uma sogra?!...

Quantas e quantas vezes não pedistes ao diabo que a carregasse para aqui, sem saberdes, como hoje o sabeis, que o

diabo carrega com tudo que ha de ruim para o Inferno, menos as sogras?!...

Ah!... senhores Juizes, quereis saber o que são as sogras? Perguntae-o a Adão, o primeiro homem que appareceu no outro mundo e o primeiro que se casou depois do tal negocio da serpente. Foi a sogra, sim, senhores Juizes, foi a sogra a primeira pulga que ferrou-lhe uma dentada!...

Mercurio—Apoiado!... Por isso é que eu não as quero nem pintadas!...

1.º Juiz—Silencio!... Ninguem póde perturbar a serenidade da discussão!... (*bate com a vara, etc.*)

Advogado (*continuando*)—A sogra, senhores Juizes, é o mammifero mais desdentado que se conhece no outro mundo; e tão damnado, entretanto, que se acha classificado no numero dos raros animaes ferozes!... E' peor que a onça e que o tigre, com todos os dentes!... Peior que a cobra, que a jararaca, com todo veneno! Peior que o urubú, a paca, o tatú e o surucú!... (*grande movimento no Tribunal.*)

Todos (*admirados*)—Uh!... Uh!... Uh!...

Advogado (*continuando*)—Feliz do homem que passa pelo outro mundo sem ter conhecido uma sogra!

Imaginae, agora, senhores Juizes, ditas estas palavras, imaginae por momentos (*sensibilizado*) que o réo, que a infeliz e desgraçada victima que se acha perante este Tribunal de Justiça, teve a enorme desventura, a maior que pode ter um homem no outro mundo, de conhecer, não uma sogra só, mas vinte e cinco sogras... e dizei-me depois, senhores Juizes, si não vos compadeceis de sua triste sorte! .. (*o Tribunal começa a dar demonstrações de sensibilidade.*)

Imaginae, senhores Juizes, eu appello para vossos sentimentos, imaginae que esta infeliz alma teve uma existencia no outro mundo toda cheia de torturas, de crueis tormentos e afflicções, e respondi-me si tamanho martyrio e de tantos annos, não é mii vezes peor que a condemnação pedida pelo illustre orgão da Justiça!... (*o Tribunal começa a soluçar, limpando os Juizes os olhos de modo furtivo*) Ah!... (*exclamação prolongada*) senhores Juizes!... Ah!... sensibilissimas *Almas Vigilantes*!... A causa que eu defendo é de tanta justiça que não podeis occultar as lagrimas e os soluços!... Choraee...

chorae... senhores Juizes!... Choraes, Almas Vigilantes!... (*augmentam os soluções no Tribunal; o Advogado extremamente sensibilitado com difficuldade articula as palavras*) Cho...rae... yós...to...dos... meus...se...nho...res!...A como...ção é tan...ta... qui...qui...qui... em...bar...ga...me...a... voz...na...gar...gan...ta!... (*senta-se, soluçando fortemente.*)

1.º Juiz (*enternecido*)—Considerando...devidamente...a splen...dida...de...fe...sa pro...nun...ciada, jul...go...o accu...cu...sa...do inno...cente e, por...tan...to, o ab...solvo! (*não podendo conter o pranto*) Está per...dó...a...d...o...dó!

2.º Juiz e 3.º (*a um tempo, soluçando*)—Per...dó...a...d...o dó!...

Mercurio (*á parte*)—Isto é que se chama dois talentos! Não leram os autos, e fizeram uma accusação e defesa brilhantissimas! Magnifico systema é o do *Meio do Mundo*, pela primeira vez posto em pratica neste Tribunal!...

Promotor—Eu appello!...

1.º Juiz—(*enxugando as lagrimas*) Ora vá plantar batatas, deixe-se de asneiras. Está encerrada a presente sessão secular do Tribunal e sem appellação nem agravo!

Mercurio—Vivam os nossos sapientes Juizes!

Sombras Vigilantes—Vivam!... Vivam!...

Mercurio—Viva o illustre Advogado!

Sombras Vigilantes—Viva!... Viva!... (*saem acompanhadas do Promotor e Advogado*)

SCENA X

OS JUIZES, MR. BEEF E MERCURIO

1.º Juiz—(*dirigindo a palavra ao inglez e chamando-o*). Venha cá, venha cá... Você está absolvido. Responda agora com toda franqueza: você quer ir para os *Campos Elysios* ou você quer voltar para o outro mundo?

Mr. Beef—*Campo Elysio* de Pariz?

1.º Juiz—Qual Pariz! E' o jardim das delicias que existe aqui...

Mr. Beef—Non, mim prefere outro logar p'ra taz *observations*...

Mercurio—Neste caso, mande-o para o *Meio do Mundo*

1.º Juiz—Bem lembrado! (*para o inglez*) Pois está dito, você vae para o *Meio do Mundo*.

Mr. Beef—*Meio de Munda?!..* Onde é que fica *Meio de Munda?*

1.º Juiz—Não é de sua conta, depois você saberá; você vae devidamente preparado com todos os piparotes de estylo e as melhores recommendações...

Mr. Beef—E mim pode observa costumes?

1.º Juiz—Sem duvida...

Mr. Beef—Oh! *yes*, mim então quer ir logo p'ra *Meio de Munda*.

1.º Juiz—Vae já, não tenha pressa; primeiro ha de ser hypnotisado e fascinado, para ser reencarnado em seguida.

Mr. Beef—Hypnotisada e reencarnada?!...

1.º Juiz—(*para Mercurio*) Mercurio, chame o Pedro Botelho e traga o meu annel e o meu sinete (*Mercurio obedece*).

Mr. Beef—Mim leva bom *recommendations* p'ra *Meio de Munda?*...

1.º Juiz—Fique socegado que você leva tudo...

SCENA XXI

OS MESMOS, MERCURIO E PEDRO BOTELHO

Pedro Botelho—Eis-me aqui...

Mercurio—Aqui está o annel e o sinete (*o annel é uma pequena cobra movediça, e o sinete um tridente pintado de vermelho, imitando fogo, tendo comprido cabo.*)

1.º Juiz (*tomando a cobra*)—Agora vou hypnotisal-o (*para o inglez*) Abra a bocca...

Mr. Beef—O que?!... Vae bota este cobra assim viva em meu bocca?!...

1.º Juiz—Abra a bocca...

Mr. Beef—Mim non abre bocca...

1.º Juiz—Abra a bocca, já disse...

Mr. Beef—Mim non abre (*arregaça as mangas e fica em attitude de distribuir soccos*) O Juiz faz um signal a Pedro Botelho

e a *Mercurio*, que seguram vigorosamente o *inglez* pelos braços, mette a cobra na bocca do *inglez*, apertando fortemente o nariz do mesmo—O *inglez* fica de bocca aberta)

1.º Juiz (retirando a cobra)—Prompto! Está hypnotisado!... (*Mercurio e Pedro Botelho largam os braços do inglez, que fica immovel com os braços voltados para traz e a bocca aberta*).

Pedro Botelho—E eu que contava com esse freguez!..

1.º Juiz—(para *Mercurio*) Pegue agora você no meu anel e dê o signal para descer a conducção (*Mercurio bate tres vezes palmas e desce das bambolinas um balão, em cuja barquinha é depois collocado o inglez de barriga para baixo*).

Mercurio—(mostrando o balão) Eil-o! (o **1.º Juiz** reproduz com o *inglez* a scena da fascinação do *Onofrost*, que é conduzir o *inglez* pelo dedo, estirado diante do nariz; o *inglez* acompanha o *Juiz* com passos vacillantes e quando o *Juiz* retira rapidamente o dedo, fica o *inglez* em posição jocosa).

1.º Juiz—(para *Mercurio e Pedro Botelho*) Accommodem mister *Beef* (*Mercurio e Pedro Botelho collocam o inglez na barquinha de barriga para baixo*). Dê me o sinete (*Mercurio entrega o tridente ao Juiz, que marca o inglez pelas costas*) Agora, boa viagem! Está em condições de ser reencarnado quando chegar no *Meio do Mundo*! (o balão sobe, desapparecendo entre as bambolinas)

SCENA FINAL

OS JUIZES, MERCURIO, PEDRO BOTELHO, O PROMOTOR,
O AD VOGADO E AS SOMBRAS VIGILANTES

Promotor—(dirigindo-se ao **1.º Juiz**) As almas do outro mundo que estão na caldeira não entram em julgamento, respeitavel *Juiz*?

1.º Juiz—Deixe-as ficar na caldeira por estes dois ou tres seculos! Já encerrei os trabalhos da presente sessão! Agora distinctissimo auditorio, estão decretadas as festas seculares do *Reino das Sombras*!

Mercurio—Vivam os incansaveis *Juizes*!...

Todos—Vivam!...

Pedro Botelho—Viva o nosso *Tribunal*!...

Todos—Viva!...

1.º Juiz—Silencio!.. Não percamos nem um momento do nosso seculo de ferias! Agora não ha mais Juizes nem Tribunal! Portanto.... á folia!...

Todos—A' folia!.. á folia!... (*a scena fica, até descer o panno, illuminada por fogos cambiantes*).

(N. 7)

1.º Juiz

Já não somos mais Juizes,
Todos nós somos eguaes,
Viva a bella patuscada
Dos esp'ritos immortaes! ..

CÔRO GERAL

(*Cantando e dansando*) Temos hoje a nossa féria,
Grande féria secular,
Acabaram-se os trabalhos,
Comecemos a dansar!...

Mercurio

Eu vou para o *Meio do Mundo*,
Mais ligeiro que um fusil,
Só de filhos conhecidos,
Já tenho mais de dez mil!...

CÔRO GERAL

(*Cantando e dansando*) Temos hoje a nossa féria,
Grande féria secular, etc...

Pedro Botelho

Vou deixar substituto,
Para cuidar da caldeira,
E passar lá no *Outro Mundo*,
Distraido a féria inteira!...

CÔRO GERAL

(*Cantando e dansando*) Temos hoje a nossa féria
Grande féria secular, etc...

(*Cae o panno*)

ACTO I

PERSONAGENS

Mr. Beef	3.º Senador do 1.º grupo
Sinhá Mariquinhas do Bico Roxo	4.º » » » »
O Flautista	1.º Senador do 2.º grupo
O Chefe da Estação	2.ª » » » »
A Esposa	3.ª » » » »
A Sogra	4.ª » » » »
O Superintendente	1.º Inquilino
O Policial	2.º »
O Proprietario	3.º »
O Senado	1.º Popular
A Assembléa	2.º »
O Presidente do 1.º grupo de Senadores	3.º »
O Presidente do 2.º grupo de Senadores	4.º »
1.º Senador do 1.º grupo	5.º »
2.º » » » »	1.ª Mulher do povo
Senadores do 1.º grupo, Senadores do 2.º grupo e Populares	2.ª » » » »
	Um Menino
	Um Policiador

NUMEROS DE MUSICA

- 1 Côro dos Populares. . . . Fui ao Tóróro
- 2 Coplas do Genro. . . . Tenho medo do títú
- 3 Coplas e duetto (mr. Beef e Sinhá Mariquinhas) . . . Xô, Carocha!..
- 4 Coplas do Presidente do 1.º grupo de Senadores e côro Vem cá, Bitú
- 5 Coplas do Presidente do 2.º grupo e côro Chora Mané, não chora

ACTO I

QUADRO II

O scenario representa o exterior da estação da Estrada de ferro da Calçada do Bomfim: a porta principal da estação acha-se fechada. Ao levantar do panno a scena está deserta, ouvindo se ao longe o canto dos populares que se approximam, formando um grande côro de homens e mulheres.

SCENA I

(N. 8)

CÔRO DOS POPULARES (*entram cantando*)

Eu fui ao Tóróro
- *Bebê* agua e não achei,
Adeus, bellas *morena*,
Qui tanto eu namorei !...

1.º Popular

Vómos vê a festa,
A grande festa da *Escada*,
Temos foguetaria
Carurú e feijoada !...

CÔRO

Eu fui ao Tóróro, etc.

1.ª Mulher

Eu vou *pidi* um milagre,
Vou *fazé* uma oração
P'ra *qui* meu bemsinho viva
Cumigo no coração !...

2.º Popular—Bravos, yáyá Lúlú !...

CÔRO

Eu fui ao Toróro, etc.

2.^a Mulher

Eu por mim vivo tão presa
Tão *martratada* de amô,
Qui não sei quando faz frio
Nem sei quando faz *calô!*..

CÔRO

Eu fui ao Toróró, etc.

1.^o Popular—(*consultando o relogio*) Isto é um *escandlo!* Seis hora!.. O trem sae a sete *hcrá*, e a porta da estação ainda está fechada! Ora vocês não *está* vendo?!..

2.^o Popular—Isto ainda não é nada! Tudo por aqui *véve* em *misarave* estado....

3.^o Popular—Aqui tudo é uma *désgraça!*... A estação parece um *chequero de gallinha*, as *crasse* toda de *fazé* nojo e *arrebentada!*

1.^a Mulher—A gente quando *viaja* leva *cada uma* *sacudi-della* de *ficá cum* as *tripa* no *céo* da *bocca*...

2.^a Mulher—*Entonce* fique sabendo mais: o anno *retrasado* o trem *pinotô* tanto *qui* eu tive o meu *Jãosinho* no meio da *viage*...

1.^o Popular—Eu tive agora uma *alembança*...

Todos—*Qui é, qui é?*

1.^o Popular—*Vômos* *tómá* um *pédacinho* allí *adeante*, *inquanto* não sae o trem?

Todos—*Está dito, está dito, vômos*... (*saem cantando o—Fui ao Tóroró*).

SCENA III

O FLAUTISTA E O MENINO

(*O Flautista entra com uma mala ás costas e uma trouxa na mão, acompanhado do menino, que vem choramigando com uma grande bolacha na mão*).

Flautista—Ora *vejã* só! Bem *dizia* eu á *minha sogra* que ainda era muito *cedo*. O *peior* é que a estação ainda está *fechada*, e si *minha mulher* e *minha sogra* *chegarem* antes de

eu ter comprado os bilhetes e tirado as guias das bagagens, temos um chinfrim de todos os diabos... (*arreja a trouxa e a mala á porta da estação e desce á bocca de scena*).

Menino—(*chorando*) Ih!... ih!... ih!... ih!...

Flautista—Cale a bocca, ou vá chorar p'ra lá (*dirigindo se á platéa*) Eu sou musico, sou flautista, e vou tocar hoje na festa da *Escada*. Viveria num céu aberto si não conhecesse minha mulher e minha sogra. Eu sou o genro mais infeliz que o céu cobre; mas, emfim, todos hão de viver como o pae o fez e a mãe ...

Menino—(*puxando pela aba do paletot do Flautista e chorando*) Ih! .. ih!... ih!... ih!... Eu quero biscoito... ih!... ih!... ih!...

Flautista—Não tem biscoito, coma bolacha (*dirige-se para a porta da estação e senta-se*).

SCENA III

O MESMOS E O CHEFE DA ESTAÇÃO

Chefe da Estação—(*abrindo a porta por dentro*) Irra! Você tão cedo por aqui?!

Flautista—Tão cedo o que, si já é perto de sete horas?! ...

Chefe da Estação—Está enganado (*ouvem-se no interior seis badaladas*) Está ouvindo?

Flautista—Ora diga-me cá: o relógio da estação está certo pelo forte do mar?

Chefe da Estação—Não senhor.

Flautista—Pela pendula do *Galo*?

Chefe da Estação—Não senhor.

Flautista—Pelo relógio municipal?

Chefe da Estação—Não senhor.

Flautista—Então por onde acerta você o relógio?

Chefe da Estação—Eu acerto o relógio pela cabeça do Superintendente. Quando o Superintendente diz que é meio dia, é meio dia.

Flautista—Ainda que sejam 5 horas da tarde?

Chefe da Estação—Ainda que seja madrugada.

Flautista—Ora bolas! (*o Chefe retira-se*)

SCENA IV

O FLAUTISTA E O MENINO

Flautista—Eu vou estudar um pouco enquanto não chega a minha gente (*senta-se sobre o bahu, tira a flauta do bolso e começa a tocar.*)

Menino—(*chorando*) Ih!... ih!... ih!.. ih!... Eu quero biscoito ..

Flautista—(*interrompendo o estudo*) Já disse que não tem biscoito, coma bolacha.

SCENA V

OS MESMOS, A ESPOSA E A SOGRA

A Sogra—E' verdade, *qui home froxo!* Em todo logá *qui* chega *vae logo se assentando-se.*

A Esposa—E pegando logo no diabo do instrumento...

A Sogra—*Se alevante-se dahi, sinhô, vá comprá os biete e despachá as coisa.*

Flautista—(*suspirando*) Ai!... ai! ..

Menino—Eu quero biscoito (*chorando*) ih!.. ih! . ih! . ih!..

Flautista (*exasperado*)—Já disse que não tem biscoito... vá chorar p'ra o diabo que o carregue.

A Esposa (*deitando as mãos na cintura*)—Era só o *qui* fartava... *ocê discompô a criança...*

A Sogra—Deixa esse *animá berrá, sinhásinha, não se dá-se importância a elle...*

Flautista (*suspirando*)—Ai! . . ai!... (*ouve-se o primeiro signal da partida do trem. O côro de populares atravessa a scena correndo, e desaparece pela porta da estação.*)

A Esposa (*para o Flautista*)—*Você já ouviu? O trem já vae parti... Você está todo molle... apois fique-se ahí qui nós vae já e já... Você leve a despois a mala e a cumida...*

A Sogra—E nós *vae sem biete, nem roupa, nem cumida, sinhásinha?*

A Esposa—E *entonce!* Elle *qui* pague a *despois* as *passage* e leve tudo no trem de carga (*ouve se segundo signal do trem*). *Vômos, minha mãe, vômos, meu fio (saem apressadamente.)*

SCENA VI

O FLAUTISTA (só)

(Assim que desaparecem as duas mulheres com a criança, ouve-se o terceiro e ultimo signal do trem). E lá se foram com todos os diabos... sem roupa, sem comida e sem dinheiro!... Que se aguentem!... Eu vou daqui a meia hora no trem de carga, á minha vontade... Safa!... (para o publico) Os senhores querem saber o quanto eu sou infeliz? Pois ouçam:

(N. 9)

Bis { Tem tres andares a casa
 { Onde eu moro com a familia,

Bis { Eu fico no meio e passo
 { A noite numa vigilia !

Quer por cima,
 Quer por baixo,

Bis { Num desespero
 { Sempre me acho.

Bis { Por baixo a querida esposa
 { De noite canta a valer,

Bis { E por cima a minha sogra
 { Dança que é mesmo um prazer !

Quer por cima,
 Quer por baixo,

Bis { Num desespero
 { Sempre me acho.

Bis { Si em baixo a mulher procuro
 { Me grita logo: *O que é?*

Bis { Desce a mãe e entre as duas
 { De cabeça fico em pé!

Quer por cima,
 Quer por baixo,

Bis { Num desespero
 { Sempre me acho !

Palavra de honra, fico mesmo sem ser homem p'ra nada. Emfim, eu vou despachar a bagagem (*dirige se para a porta da estação conduzindo a mala e a trouxa e desaparece.*)

SCENA VII

O SUPERINTENDENTE E MR. BEEF

Superintendente (*trazendo uma carta na mão*)—Por este carta, mim fica muito satisfeita de conhece mister Beef e conforme pede minha amiga, mim vae apresenta mister Beef a melhor sociedade que mim conhece aqui em *Meio de Munda*.

Mr. Beef—Mim non deseja conhece sociedade grande; mim quer faz estudo de *observations* em classe pequena de *Meio de Munda*! Mister Superintendente, Vm. me faz apresentação de um rapariga, hein, de um bom rapariga...

Superintendente--Vm. quer rapariga p'ra faz casamento?

Mr. Beef—Oh! non, non!... mim quer fica solteira....

Superintendente—Então mim vae apresenta Vm. a um rapariga de minha conhecimento...

Mr. Beef—E é bom rapariga?

Superintendente--Oh! yes, muito bom; mim garante Vm. que é muito bom, faz toda serviça.

Mr. Beef—E quando mim póde ver ella?

Superintendente—Mim leva agora mesmo Vm. a *Caes Dourada*, onde ella faz sua negccio...

Mr. Beef (*esfregando as mãos de contente*)—Oh!...yes, oh! yes!... (*saem*)

MUTAÇÃO

QUADRO III

(*O scenario representa o Caes Dourado; sentada á porta de um kiosque vê-se Sinhá Mariquinhas, que é uma mulata vestida de saia, panno da Costa e torço, vendenão fructas, que se acham á vista do publico—Crusam a scena populares, que desaparecem pouco a pouco com a entrada de Mr Beef e do Superintendente.*)

SCENA I

SINHÁ MARIQUINHAS E POPULARES

(*Entre estes um com dois cachos de bananas ás costas.*)

Sinhá Mariquinhas—O' sinhó das banana...

4.º Popular—*Você qué comprá?...*

Sinhá Mariquinhas—*Quanto qué pelas penca?...*

4.º Popular—*Seis e meia...*

Sinhá Mariquinhas—*O sinhó qué cinco?...*

4.º Popular—*Você qué dá seis eu entrego?...*

Sinhá Mariquinhas—*Apois sim!... Nosso Sinhó lhe ajude (o popular segue e Sinhá Mariquinhas chama-o de novo). O' sinhó, faz favô? Eu fico sempre cum as penca; mais eu agora vou sai; o sinhó qué levá as banana lá in casa?...*

4.º Popular—*E' muito longe?...*

Sinhá Mariquinhas—*E' na rua d'Ajuda; lá é qui eu moro e qui tenho quitanda... Oie, o sinhó vá na frente qui eu vou já... A casa é a qui está se pintando de amarello...*

4.º Popular—*E não tem numbro?...*

Sinhá Mariquinhas—*Não tem não; mais não tem qui errá O sinhó chegando n'Ajuda é só preguntá onde móra Sinhá Mariquinhas do Bico-Roxo e todo mundo já sabe. Si a; porta estivé incostada, o sinhó impurre sem susto e entre; mais não deixe o meu gato sai...*

4.º Popular—*Entonce inté já...*

Sinhá Mariquinhas—*Oie lá, eu vou já tomá minhas compra... (O 4.º Popular sae acompanhado de outros).*

SCENA II

SINHÁ MARIQUINHAS, MR. BEEF, O SUPERINTENDENTE
E ALGUNS POPULARES

(*que saem momentos depois dos primeiros*)

Sinhá Mariquinhas—*São Francisco, meu Pae, quem me benze?*

Superintendente (*á parte, para mr. Beef, e apontando para Sinhá Mariquinhas*)—*Que diz Vm. daquelle rapariga que está alli?*

Mr. Beef (*reparando e com enthusiasmo*)—*Oh! muito bom, muito bom fazenda!... Mim deseja rapariga assim...*

Superintendente—*Pois enlão mim vae apresenta Vm.: é Sinhá Marriquinhas...*

Mr. Beef (*contente*)—*Sinhá Marriquinhas?!... Oh! dá um abraça primeira! Very well!... (abraça o Superintendente.)*

Superintendente (*dirigindo-se á mulata com mr. Beef*)—
Como está Vm., Sinhá *Marriquinhas* ?

Sinhá Mariquinhas—Oh !... *yôyô*, Vm. por aqui ? !... Ha quanto tempo não *lhe vejo* !... (*sae o resto dos populares.*)

Superintendente—Mim tem andada muito occupada. Mim vem apresenta Vm. minha particular amiga mister Beef. Mim quer Vm. faz por elle tudo que fez por meu pessoa, hein !...

Mr. Beef—Mim está muito satisfeita de conhece Sinhá *Marriquinhas*, muito *satisfaction*, oh ! *yes* !...

Sinhá Mariquinhas (*á parte*)—Si eu pudesse *pegá o ingrez* de geito... (*alto*) A sua mulata está aqui mesmo, *yôyô*, negociando *cum estas bobage*; *mais porem* é mulata de respeito e de *consederação*, e sempre tem o seu fundinho de reserva...

Mr. Beef—Oh ! você tem fundinha de reserva ?... Pois então você junta com meu bem de raiz e vamos passeia em *Ingliterre*...

Superintendente (*para mr. Beef*)—Agora Vm. trata de seu vida que mim vae trata de meu...

Mr. Beef—Oh ! muito obrigada, mister Superintendente, muito obrigada...

Superintendente—Bem, Sinhá *Marriquinhas*, mim vae p'ra casa, e Vm. trata bem de minha substituta...

Sinhá Mariquinhas—*Ochentes* !... Este *yôyô* tem coisa...

Superintendente—Mim non tem mais nada... (*para mr. Beef*) Muito felicidade mim deseja Vm. (*aperta *lhe a mão*, dá um beliscão em Sinhá Mariquinhas e sae.*)

Mr. Beef—Muito obrigada, mister Superintendente, muito obrigada...

SCENA III

MR. BEEF E SINHÁ MARIQUINHAS

Sinhá Mariquinhas—*Mistres*, o *sinhô* vem morá no *Meio do Mundo* ?

Mr. Beef—*Yes*, mim quer conhece todo *Meio de Munda*...

Sinhá Mariquinhas—O *sinhô* é casado, *sortero* ou *viuvo*?

Mr. Beef—Mim vive *sósinha*, mim procura um bom *rapariga* p'ra toma conta de meu pessoa...

Sinhá Mariquinhas (*à parte*)—Eu não disse, o *ingrez* já está pégando fogo. (*allo*) Eu sou rapariga muito honesta...

Mr. Beef—Oh! *yes*, muito honesta! Mim quer protege você porque mim está toda derretida, toda apaixonada por você...

Sinhá Mariquinhas—*Ochentes*, meu Deus! Vá saindo na arage...

Mr. Beef—(*abraçando a mulata—canta*):

(N. 10)

Oh! *queride Marrisquinhas*,
Mim está todo damnada,

Bis { Por você mim sente agora
Coração apaixonada!

Sim, *queride Marrisquinhas*,
Non me deixa,
Non me deixa neste estada!

Sinhá Mariquinhas

Oh! *yôyô*, deixe-se disto,
Não *cumece cum mardade*,

Bis { Eu sou mulata *qui sabe*
Frequentá sociedade!...

Mr. Beef

Sim, *queride Marrisquinhas*,
Non me deixa
Non me deixa neste estada!

*Repete-se em
duetto*

Sinhá Mariquinhas
Sim *yôyô*, eu não *lhe* deixo
Si *promette*
Me *fazê* toda a vontade!

Mr. Beef—Oh! *yes*, mim *promette* faz tudo que você quer...

Sinhá Mariquinhas—*Entonce* está dito; nós não *separa* mais... (*à parte*) E' verdade, a gente neste mundo sempre tem seu dia...

Mr. Beef—Oh! *yes*! mim está disposta aproveita serviço de você (*abraça de novo Sinhá Mariquinhas*).

Sinhá Mariquinhas—*Ochentes*, *yôyô*, aqui na rua?!... Eu vou já p'ra casa...

Mr. Beef—Mim vae tambem, depois...

Sinhá Mariquinhas—*Despois?* Eu arréngo... a despois nós vae passeá por ahí...

Mr. Beef—Oh! *yes*, mim quer observa costume de *Meio de Munda*, e mim quer tambem você mostra tudo que tem p'ra ver...

Sinhá Mariquinhas—*Entonce* vômos já (*arruma as fructas no interior do kiosque e fecha a porta do mesmo*).

Mr. Beef—(*á parte*) Oh! mim está muito satisfeita! Mim vae telegrápha p'ra Inglaterra...

Sinhá Mariquinhas—(*encostando o braço no hombro do inglez*) Eu já vou indo, *yôyô* (*sae devagar, olhando para o inglez*).

Mr. Beef—(*satisfeito*) Oh! mim vae tambem com você... (*sae orgúlhosamente em seguida*)

MUTAÇÃO

QUADRO IV

(*A scena representa o largo do theatro S. João, vendo-se pintado no panno do fundo o referido theatro e ruas adjacentes*).

SCENA I

O 1.º INQUILINO

(*Entra em scena com um bahú ás costas, um piston e um rôlo de musicas; deita o bahú no chão e senta-se sobre elle*) Não ha remedio sinão morar no olho da rua. Que vergonha! Não se pôde ser artista nesta terra! O maldicto proprietario augmentou-me o aluguel da casa, que era de 25\$000, para 50\$000! Que escandalo!

E não ha Intendencia, não ha Camara, não ha Policia para isto, não ha um raio que as parta!... O que vale é que eu sou solteiro: aqui está a minha mobilia e a minha mulher (*mostrando o piston e começando a tocar*).

SCENA II

O MESMO E O 2.º INQUILINO

2.º Inquilino—(*entra em scena condusindo ás costas uma cama de campanha, um cavallete de pintor, pinceis e papeis de*

desenho) Ai!... ai!... Não ha remedio sinão trabalhar ao ar livre!

Que se ha de fazer, si o proprietario da casa em que eu morava sacudiu-me com o executivo nas costas, só porque eu não paguei dois meses do augmento de 50\$000 que elle fez no aluguel, apezar de ser eu inquilino de 1.^a ordem?!... Inquilino de 1.^o ordem, sim, porque, aqui p'ra nós, eu tenho pintado até o Simão de carapuça, mas sempre tenho pago os alugueis da casa!

1.^o Inquilino—(*á parte*) Máu, máu, temos visinhança...

2.^o Inquilino—(*sentando-se na cama e começando a pintar, ao tempo em que o 1.^o começa a tocar exasperadamente*). O' visinho (*suspendendo o trabalho*), visinho, estude mais baixinho, por favor!...

1.^o Inquilino—O senhor está incommodado?

2.^o Inquilino—Estou com bastante dôr de cabeça.

1.^o Inquilino—E eu já estou aqui com o nariz arrolhado com o cheiro da sua tinta...

2.^o Inquilino—Pois neste caso, si está incommodado, mude-se.

1.^o Inquilino—Isto foi o que eu acabei agora mesmo de fazer; mudei-me em 24 horas.

SCENA III

OS MESMOS E O 3.^o INQUILINO

3.^o Inquilino—(*de florete em punho*) Isto não se atura! E' um escandalo, é um desaforo, é uma pouca vergonha! Como é que se augmenta desta maneira o aluguel da casa?!... De 20\$000 dar um pulo para 60\$?!... Ah! eu mudo-me, mudo-me, decididamente eu mudo-me, embora perca os 500\$000 que lá gastei para beneficiar a casa, porque o ultimo inquilino que lá esteve deixou os fundos em miseravel estado! Palavra de um proprietario (*começa a passeiar agitadoamente de um para outro lado de scena, sem reparar nos outros*).

1.^o Inquilino—(*carregando o bahu*) Nada, nada! Com este é que eu não quero conversa! (*sae correndo*).

2.º Inquilino—O que? Sosinho com este doido é que não fica o filho de meu pae! (*sae apressado, levando a cama e o cavallete*).

SCENA IV

O 3.º INQUILINO E O POLICIAL

Policial—(*entrando—á parte*) Não ha nada actualmente como a gente ser militar! Fica se numa ponta bruta! (*vendo o 3.º Inquilino*) Olá!... Temos valentões por aqui?!... O' meu amigo... o senhor não pôde andar com arma prohibida de fóra!...

3.º Inquilino—Ora bolas! Onde quer você que eu a metta? Não está vendo que é uma arma branca?

Policial—Eu não quero saber si é branca ou preta; dê-me a arma.

3.º Inquilino—Olhe que eu estou damnado... não quero provocação comigo...

Policial—Deixemos de prosa; dê-me a arma, e vá dizendo o que faz por aqui a esta hora...

3.º Inquilino—Estou procurando casa para alugar, está o que estou fazendo, já sabe? Você é capaz de indicar-me alguma?

Policial—Vá á *Agencia de Casas*.

3.º Inquilino—Já fui, não tem nenhuma desoccupada.

Policial—Então vamos até cá no Largo da Piedade que tem um sobrado magnifico desoccupado, vamos juntos que eu lhe mostro...

3.º Inquilino—E quem é o proprietario?

Policial—Eu lhe apresentarei a elle, não tenha susto, vamos...

3.º Inquilino—Olhe, você não brinque comigo, porque eu para lhe metter o ferro não custo muito... (*scem*).

SCENA V

O PROPRIETARIO (*só*)

Não ha nada como a gente ter casas para alugar! Em outros tempos não valiam nada; mas hoje os proprios inquilinos fazem o preço dos alugueis! Mal eu tenho uma casinha vasia, diz logo um: dou 30\$000 por mes; diz outro: dou 40\$000; diz

cutro: dou 50\$000; de modo que a gente por sua vez diz logo: já tenho quem pedisse preferencia por 60\$000... As bichas pegam, e depois de muito empenho fica alugada por 60\$000 uma casa que não valia 20\$000! Por isto é que estou tratando de atirar com os quartos no olho da rua aos inquilinos que não podem pagar o devido augmento de aluguel! Ah!.. ah! . ah!... não ha nada hoje como se ter casas para alugar!...

Augmenta-se o aluguel á nossa vontade, ganha-se um dinheiro fabuloso, e não é só isto, o inquilino que asseie a casa em que vae morar ou que a concerte, si não quizer morar no chiqueiro ou morrer debaixo de um telhado arreventado... Seria uma grande asneira de nossa parte ainda gastarmos dinheiro para asseiar e concertar casas, quando alugamol-as por alto preço e—para fazer favor. . E quem não quizer assim que vá queixar-se ao Bispo... Que é que póde acontecer-nos? Nada, mesmo nada!

O proprietario é o proprietario, da mesma forma que o governo é o governo!... Ah!... ah!... ah!... ah!... (sae dando gargalhadas).

SCENA VI

MR. BEEF, SINHÁ MARIQUINHAS E DEPOIS O
SENADO E A ASSEMBLÉA

Sinhá Mariquinhas—(que occulta entre bastidores, juntamente com Mr. Beef, tem ouvido o monologo todo do Proprietario). Qui home damnado, heim mistres?

Mr. Beef—Muite bom coisa! Homem muito esperta! Mim fica muito sympathisada com sabedoria de sinhá Proprietaria! Very good!...

Sinhá Mariquinhas—(reparando para os dois lados do interior e impondo silencio ao inglez com o index) Chi!... mistres, cale a bocca, cale a bocca, qui ahi vem o Senado cum a Assembréa!.. (Entram o Senado com a Assembléa de lados oppostos, aquelle representado por um homem alto, corcunda, magro, hom-bros erguidos, bigode e pera brancos e pince-nez; e a Assembléa por uma mulher alta, gorda e de bigode espesso—O Senado empunha grande vara que termina por grande ponto de interrogação; e a Assembléa uma vara de equal tamanho com enorme

ponto de admiração no alto — Ao entrarem em scena param, um em frente do outro — o Senado descansa a vara que traz, mostrando o ponto de interrogação á Assembléa, e esta, descansa por sua vez a vara, mostrando áquelle o ponto de admiração).

Assembléa — (depois de descansar a vara, dirigindo se ao Senado) Nós já appellamos para a União Prudente do Moraes!...

Senado — E quando teremos a resposta desejada sobre o Art. 6.º? (encolhem os hombros a um tempo).

Assembléa — O verdadeiro é... (tira do bolso uma grande rolha e mette-a na bocca, suspendendo em seguida o vara e encaminhando se para o lado opposto ao em que entrou, desaparecendo).

Senado — Tem toda razão! (faz o mesmo que a Assembléa, saindo tambem pelo lado opposto ao da entrada).

SCENA VII

MR. BEEF E SINHÁ MARIQUINHAS

Sinhá Mariquinhas — Vecê viu, *mistres*? Está tudo *cum a roia* na bocca...

Mr. Beef — Oh! *yes*, está tudo rolhada...

Sinhá Mariquinhas — *Oi, mistres*, *qui* coisa engraçada vem alli... (mostrando).

Mr. Beef — (reparando) Que coisa é aquelle?

Sinhá Mariquinhas — E' um innocente qui foi *visitá* os *galinheiro* da *Cova da Onça*..

Mr. Beef — Então innocente furta *gallinha*?

Sinhá Mariquinhas — Elle não *furtó* não; elle ia *levá* p'ra *ingordá* in casa e *comê* a *despois*..

SCENA VIII

OS MESMOS, O SOLDADO — POLICIADOR E POPULARES

(O Soldado traz quatro *gallinhas* amarradas por uma corda e collocadas ao pescoço em forma de *collar*; os *Populares* conduzem n-o preso, offerecendo o Soldado grande *resistencia*).

Soldado — **Policiaador** — Eu não vou preso, não vou preso, eu sou um agente da força publica..

5.º Popular—(zangado) Então porque você é agente da força publica tem o direito de filar as minhas gallinhas, não é?...

Soldado—Policiaador—Me solte, por alma de sua mãe....

5.º Popular—Siga, siga, não quero saber de conversas; ao menos lá no xadrez você não passa a mão nas gallinhas dos outros nem promove desordens.... siga, siga... (*desapparece o grupo, sendo o preso levado aos empurrões*).

Sinhá Mariquinhas—Mistres, vômos p'ra casa...

Mr. Beef—Yes, mim agora vae toma conta de seu gallinha, p'ra ladrão não furta... (*saem*).

MUTAÇÃO QUADRO V

(*A scena representa a sala das sessões do Senado, tendo ao fundo uma alla columnata com uma cadeira em cima.*)

SCENA I

O 1.º GRUPO DE SENADORES E O SEU PRESIDENTE

(*Entra precedido de seu Presidente, que é representado por um homem alto, magro, meio corcunda, hombros erguidos, bigode e pêra brancos e pince-nez, de accordo com a descripção da scena do Senado e da Assembléa, e que entra de chapéo na cabeça; os outros entram sem chapéo, um atraz do outro, em linha, segurando a aba dos respectivos casacos, segurando o que vae na frente a aba do casaco do Presidente*).

1.º Senador do 1.º Grupo—Viva o nosso illustre Presidente, o nosso distincto Governador!...

Todos do 1.º Grupo—Viva!... Viva!... (*O Presidente comprimenta-os gravemente com o chapéo na mão*).

2.º Senador do 1.º Grupo—Viva o cerebro da politica do Meio do Mundo!

Todos do 1.º Grupo—Viva!... Viva!...

3.º Senador do 1.º Grupo—Agora, illustre Presidente, tratare de occupar a vossa cadeira governamental.

O Presidente do 1.º Grupo (*olhando para a cadeira*) Mas por onde é que eu hei de subir?

4.º Senador do 1.º Grupo—(*apresentando uma escada*) Por

aqui, excellencia... (*collocam a escada encostada á columna—o Presidente sobe e senta-se na cadeira, ficando todos a segurar a escada em quanto o Presidente sobe*).

1.º Senador do 1.º Grupo—Devemos tirar a escada, excellencia?

O Presidente do 1.º Grupo—Illustres senadores! O meu alto tino politico aconselha-me que não deixe sair dahi a escada.

Todos do 1.º Grupo—Porque?... porque?...

O Presidente do 1.º Grupo—Porque de um momento para outro pode haver por ahi algum chiñfrim e eu não tenho por onde descer...

2.º Senador do 1.º Grupo—V. Ex. está bem collocado?

O Presidente do 1.º Grupo—Perfeitamente...

SCENA II

OS MESMOS, O 2.º GRUPO DE SENADORES E O SEU PRESIDENTE

(*O Presidente do 2.º Grupo é representado por um homem gordo, barrigudo, calvo, de barba curta e branca, sem bigode, vestido de calça e collete brancos, croisé e chapéo de pello—entra de chapéo na cabeça e os outros sem chapéo, um atraz do outro, em linha, segurando a aba dos respectivos casacos, segurando o que vae na frente a aba do croisé do Presidente.*)

1.º Senador do 2.º Grupo—Viva o nosso illustre Presidente, o nosso distincto Governador!..

Todos do 2.º Grupo—Viva!... Viva!...

2.º Senador do 2.º Grupo—Viva o cerebro da politica do Meio do Mundo!

Todos do 2.º Grupo—Viva!... Viva!...

3.º Senador do 2.º Grupo—Agora, illustre Presidente, occupae a vossa cadeira governamental!

O Presidente do 2.º Grupo (*olhando para a cadeira*)—Não vêdes que se acha illegalmente occupada?!...

4.º Senador do 2.º Grupo (*nervosamente para o Presidente do 1.º Grupo*)—Desça!... desça!...

Todos do 2.º Grupo—Para baixo!... para baixo!...

O Presidente do 1.º Grupo—Eu sou o legitimo Presi-

dente! Esta cadeira é minha, pertence-me, e eu não saio della porque não quero! Quem fôr homem que me tire daqui!

Todos do 1.º Grupo—Apciado!... Apoiado!... Viva o nosso Presidente!...

1.º Senador do 2.º Grupo—Está bom, senhor, não precisa barulho. V. Ex. pôde ficar á vontade na sua cadeira..

Todos do 2.º Grupo—Não apoiado!... (*para o Presidente do 1.º Grupo*) V. Ex. não pôde ficar ahi!

2.º Senador do 2.º Grupo—Nós não consentiremos semelhante illegalidade!

O Presidente do 1.º Grupo—Vão falando, mas eu vou ficando... e quem fôr homem que venha me tirar daqui!

Todos do 1.º Grupo—Apoiado!... Apoiado!...

1.º Senador do 1.º Grupo—Segure-se bem na cadeira, excellencia!...

3.º Senador do 2.º Grupo (*dirigindo-se ao Presidente do 2.º Grupo*)—E V. Ex. crusa os braços em face de uma tal arbitrariedade, de tamanho escandalo?!!...

1.º Senador do 2.º Grupo (*chamando em particular o Presidente do 2.º Grupo e demais Senadores*)—Calem a bocca, deixem... eu cá tenho o meu plano formado! Vamos deixal-o a seu gosto por algum tempo, e quando elle menos pensar, lhe tomamos a cadeira... Não está bem lembrado?...

Todos do 2.º Grupo (*batendo palmas*)—Apoiado!... perfeitamente!...

O Presidente do 2.º Grupo (*apertando a mão do 1.º Senador do 2.º Grupo*)—Muito bem lembrado! Você tem tino como trinta!...

1.º Senador do 2.º Grupo (*para o Presidente do 1.º Grupo*)—Não se incommode, já disse, pôde ficar á sua vontade... Ah!... ah!... ah!... (*toma o braço do Presidente do 2.º Grupo e sac entre gargalhadas*).

2.º Senador do 2.º Grupo—Por toda a eternidade!... Ah!... ah!... ah!...

Todos do 2.º Grupo (*saindo*)—Ah!... ah!... ah!... (*saem*)

SCENA III

O 1.º GRUPO DE SENADORES E O SEU PRESIDENTE

O Presidente do 1.º Grupo

(N. 11)

Vem cá Sary, vem cá Sary,
Vem cá, vem cá, vem cá !

Todos do 1.º Grupo

Vá daqui, vá daqui, vá daqui,
Que temcs cacete já !... (*repete-se o canto*)

O Presidente do 1.º Grupo—Elles foram planejar contra nós; portanto vamos tomar as nossas providencias quanto antes, para que não nos preguem alguma peça. Vamos tratar de reunir todos os chefes do partido... (*descendo*) Segurem a escada direito !

1.º Senador do 1.º Grupo—E a escada fica ?

O Presidente do 1.º Grupo—Póde ficar; elles estão com medo de nós e não põem o pé aqui !... E vamos, vamos quanto antes... (*saem*)

SCENA IV

O 2.º GRUPO DE SENADORES E O SEU PRESIDENTE

(entram cautelosamente)

1.º Senador do 2.º Grupo—Nada de perdermos tempo! O bocado está alli prompto (*apontando para a cadeira*). E' só abrir a bocca e...

Todos do 2.º Grupo—Comel-o!...

2.º Senador do 2.º Grupo (*para o Presidente*)—Portanto trate de subir sem demora, excellentissimo !

O Presidente do 2.º Grupo—Vou já trepar (*subindo pela escada*) Você segurem a escada direito... (*todos os Senadores obedecem*) Estou salvo ! (*senta-se*).

3.º Senador do 2.º Grupo—V. Ex. está bem collocado ?

O Presidente do 2.º Grupo—Eu sei lá!... Estou vendo a hora que levo uma cambalhota daqui !...

SCENA V

OS MESMOS E O 1.º GRUPO COM O SEU PRESIDENTE

(conversando todos confidencialmente)

1.º Senador do 2.º Grupo—Viva o nosso legítimo Presidente!

Todos do 2.º Grupo—Viva!... Viva!...

O Presidente do 1.º Grupo—*(reparando)* Mas isto é uma traição! É uma esperteza!...

Todos do 1.º Grupo—Apoiado!... apoiadissimo!... É uma traição!...

Todos do 2.º Grupo—Ah!... ah!... ah!... ah!...

O Presidente do 1.º Grupo—*(para o Presidente do 2.º Grupo)* Desça dahi!... desça dahi, que esta cadeira não lhe pertence!...

Todos do 1.º Grupo—Apoiado!... apoiado!...

Todos do 2.º Grupo—Ah!... ah!... ah!... ah!...

O Presidente do 2.º Grupo—Não seja pateta! Deixe-se de estar gritando a tôa. Esta cadeira é minha e muito minha! Estou legitimamente occupando-a; e si você é homem venha tirar-me daqui!

O Presidente do 1.º Grupo—Isto é uma refinadissima velhacada! *(encolerizado)* Eu vou fazer o meu manifesto á Nação!...

O Presidente do 2.º Grupo

(N. 12)

Chora, Mané, não chora,
Chora porque perdeste a razão!
A cadeira do Senado
Perdeste por distracção
Toleirão!...

Todos do 2.º Grupo

Ella vae, ella vem
Muitas voltas virou,
E com todo cuidado
Por cá se ficou!... *(repete se o canto)*

(O 1.º Grupo sae exasperado, acompanhando o seu Presidente; e o 2.º Grupo sae em seguida, conduzindo a escada e erguendo entusiasticos vivas ao seu Presidente).

(Cae o pannó)

ACTO II



PERSONAGENS

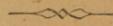
Mr. Beef	O Assignante de gazetas
Sinhá Mariquinhas do Bico Roxo	A Verba
A Saude do Porto	O Empreiteiro
O Orphanato União	O Palacio
O Invalido	O Bond
A Beata	O Jogo
A Doutoranda	O Filante
D. Jogatina	O Bicorio
O 2 de Julho	O Deputado
O Vendedor de Kagidos	O Patronato
	O Filhotismo
A Comp. Vehiculos Economicos	A Politicagem
A Normalista	A Comp. do Queimado
A Sociedade	A Loteria
O Barão	A Policia
A Baroneza	A Subscrição
D. Luizinha	A Comp. Bahiana
O Sr. Janção	A Manifestação
Cosme das Virgens	O Zé Povinho
Faustina	1.º Desconhecido
A Imprensa	2.º «
O Redactor	1.º Microbio

Os Sete Peccados

As Sete Pragas

Homens e mulheres do grupo dos Microbios

ACTO II



NUMEROS DE MUSICA

- | | | |
|----|---|------------------------------|
| 1 | Côro dos Microbios. . . | El Alabardero |
| 2 | Tango da Beata . . . | Prinzeza dos Cajueiros |
| 3 | Coplas da Doutouranda. . | My Darling |
| 4 | » » Normalista . . . | Lieb' Aennchen |
| 5 | Dansa da Classe Aristocra-
tica | Os Lanceiros |
| 6 | Dansa da Classe Média. . . | A Preciosa |
| 7 | Côro das Pragas e dos Pe-
ccados | Sinhá Mariqs, por seu motivo |
| 8 | Recitativo do Bond . . . | Zwã Sterndlan |
| 9 | Coplas da Politicagem e côro | Perles de Madrid |
| 10 | Recitativo do Jogo . . . | Paulita |
| 11 | Coplas da Companhia Bahia-
na e côro | A Dengosa |
| 12 | Recitativo do Filante . . . | Tim-Tim |
| 13 | Coplas da Companhia do
Queimado e côro . . . | Il était une fois... |
| 14 | Coplas do Bicorio e côro . . | Eu móro em Catumby |
| 15 | Recitativo da Loteria . . . | Vergissmeinnicht |
| 16 | Coplas do Deputado e côro | Gosto della só por isto... |
| 17 | Recitativo da Policia . . . | Billet doux |
| 18 | Duetto (Subscrição e Mani-
festação) e côro . . . | Gabéro |
| 19 | Duetto (Patronato e Filho-
tismo) e côro | Herzblattchen |
| 20 | Côro das Pragas e Peccados | Estou preso meu bem! |

ACTO II

QUADRO VI

A scena representa o Largo do Terreiro, vendo-se ao fundo a Cathedral e parte da Academia de Medicina.

SCENA I

CORO DOS MICROBIOS

(Compõe-se de homens e mulheres, todos igualmente vestidos, de calça preta muito justa, jaqueta preta com a gola fechada até o pescoço, tendo á cabeça comprido canudo preto, á guiza de chapéo—feições cadavericas—Entram munidos de flambeaux, formando um grande batalhão, marchando um a um, precedidos de uma mulher de saia vermelha, corpete azul a marinho, respectivo bonet, e um ramallete de flores de grande tamanho—Entram todos cantando).

(N. 13)

Nós, os Microbios, vamos agora,
Próvar o affecto santo e perenne,
Levar applausos, discurso, flores,
Render um culto á Hygiene!

(Marcham pela scena durante a 2.ª parte da musica, erguendo estrepitosos vivas á Hygiene; parando ao fundo, descem de frente para a platêa, cantando a 3.ª parte da musica.)

Viva a Hygiene
Que é, na verdade,
Mãe dos Microbios
Nesta cidade!

(Remontam de costas e tornam a descer vagarosamente até concluir a musica, ficando em linha, tendo, á frente a oradora dos Microbios, que é a Saude do Porto—Repete-se o canto desde o principio).

Saude Porto—Viva a nossa illustradissima e activa Hygiene!

Côro—Viva!... Viva!...

1. Microbio—Viva a Saude do Porto, a nossa oradora official!...

Côro—Viva!... Viva!...

Saude do Porto—Obrigada, meus respeitaveis Microbios! Eu farei todos os esforços humanamente possiveis para, apesar de minha obscura intelligencia...

Côro—Não apoiado, não apoiado!...

Saude do Porto—... da falta de dotes oratorios...

Côro—Não apoiado, não apoiado!

Saude do Porto—... representar-vos dignamente nesta honrosa manifestação á Hygiene...

1. Microbio—Viva a nossa oradora official!...

Côro—Viva!... Viva!...

SCENA. II

OS MESMOS E O ORPHANATO UNIÃO

Orphanato—(*entrando e dirigindo-se apressadamente á Saude do Porto e aos Microbios*) Senhora Saúde, senhores Microbios, permitem que eu tome parte nesta estrondosa manifestação á Hygiene?

Saude do Porto—E quem é o senhor?

Orphanato—Eu sou o *Orphanato União*! Quero aproveitar este feliz momento para manifestar a minha eterna gratidão á Hygiene, que tão relevantes serviços me tem prestado; e a prova, senhores Microbios, a prova, senhora Saúde, está aqui (*trando um papel do bolso*) Basta ler-se este pedacinho de ouro para comprehender-se facilmente o talento e a illustração da nossa digna Hygiene! (*dirigindo-se aos Microbios*) Os senhores querem ouvir este pedacinho de ouro?

Todos os Microbios—Leia, leia....

Orphanato—(*lendo*) Snr. *Orphanato Pio União*! Os miasmas dos esgotos produzem a epidemia da *varicocele* nas suas meninas

Todos os Microbios—(*em estridente gargalhada*) Ah! . . . ah! ah! ah!

Saude do Porto—O que?! *Varicocele* nas meninas?

Orphanato—Sim senhóra, *varicocele* no sexo feminino! . .

Saude do Porto e Microbios—(em gargalhadas) Ah! . . .
ah! . . . ah! . . . ah! . . .

Orphanato—Portanto, em vista desta grande descoberta scientifica, eu não posso deixar de acompanhá-los nesta brilhante manifestação de apreço, para testemunhar tambem o meu reconhecimento á illustrada *Hygiene*. . . .

Saude do Porto—Viva, então, a *Hygiene*! . . .

Todos—Viva! . . . viva! . . . (repete-se a marcha final da entrada e saem todos erguendo vivas á *Hygiene*)

SCENA III

MR. BEEF E SINHÁ MARIQUINHAS

Sinhá Mariquinhas—*Qui* bonita manifestação vae tê a *Hygiene*, heim *mistres*?

Mr. Beef—Oh! *yes*, muito bonita *manifestation*! Mim tem apreciada muito *Meio de Munda*!

Sinhá Mariquinhas—*Ochentes*! . . . Você ainda não viu nada, *mistres*, ainda não *chegô* no meio. . . .

Mr. Beef—Pois então mim quer vê. . . mostra meio. . .

Sinhá Mariquinhas—Cruz! . . Eu *arrénégo* de você, *mistres*. . . (à parte) *Qui ingrez* damnado! . . .

SCENA IV

OS MESMOS E UM INVALIDO

Invalido—(representa o *typo* de um *dandy* alegre e folgasão—à parte, dirigindo-se ao publico) Quem é tolo pede a Deus que o mate e ao diabo que o carregue! Eu era empregado publico, a minha parentada era politica, o nosso partido estava por cima, e eu, que não sou besta, tratei de arranjar os pausinhos! Formei o meu plano de partida e disse com os meus botões: arranjo a minha aposentadoria, deixo de trabalhar, recebo os cobres da mãe patria, e estou de fortuna arranjada. Dito e feito: foi mesmo um pau por um olho—aposentei-me por invalido. . . . E para augmentar os meus rendimentos estou dando as *cartas* (olhando para o *inglez*) Homem que *idéa*! . . . Talvez aquelle sujeito seja um bom parceiro para o *lansqui-*

net... (dirigindo-se ao inglês jovialmente) Oh!... como passou, como vai isso?

Mr. Beef—Mim vae bom. . . .

Invalido—(dirigindo-se á mulata) E você, minha negra? . . .

Sinhá Mariquinhas—Cumô Deus qué, yôyô. . . .

Invalido—(para o inglês) Eu sou o *Invalido*, o *Invalido*!... você não tem ouvido falar?! . . .

Mr. Beef—Invalida?!

Invalido—Sim senhor!

Sinhá Mariquinhas—Ochentes, yôyô! Apois Vm. é invalido assim tão forte?! . . .

Invalido—(confidencialmente á mulata) Eu sou invalido somente para trabalhar (para o inglês). . . Diga-me uma coisa, você brinca?

Mr. Beef—(arregaçando as mangas e ameaçando dar soccos) Mim non brinca nem é de brincadura.

Sinhá Mariquinhas—Yôyô, mistres não é de cassuada não..

Invalido—Não precisa ficar zangado, homem, oiça: eu moro na rua de Cima, você appareça esta noite lá. . . .

Sinhá Mariquinhas—P'ra fazê qui é?

Invalido—(para o inglês) Você não joga?

Mr. Beef—(zangado) Mim non joga. . .

Invalido—Então vá tomar uma taça de vinho do Porto. . .

Mr. Beef—Mim non bebe. . .

Invalido—Pois então vá fumar um bom charuto de Havana. . .

Mr. Beef—Mim non fuma. . . .

Invalido—Não joga, não bebe e não fuma! Ora esta. . . . (para Sinhá Mariquinhas) E. . . . (diz um segredo á Sinhá Mariquinhas)

Sinhá Mariquinhas—(deitando as mãos nos quadris) Arto lá! Eu sou mulata, mais porem não gosto de farta de respeito cá p'ra minha banda, não! . . .

Mr. Beef—(puxando o Invalido por um braço) Oh! . . . vae p'ra casa, vae p'ra casa, faz favôr. . . .

Invalido—Bem, então adeus; aguenta-se com a sua trouxa. . . (sae, rindo-se)

Sinhá Mariquinhas—Trôxa é elle, seu marcreado!.. branco adeantado!... branco sem sórtel!... malandéo!... guardanapo de sordado. . . . sóta de bonde! . . .

Mr. Beef—Cale seu bocca, cale seu bocca, alli vem um pes-
soa de luta...

Sinhá Mariquinhas—(*reparando*) E' uma beata, mistres..

SCENA V

MR. BEEF, SINHÁ MARIQUINHAS E A BEATA

Beata

(N. 14)

Eu me confesso
Todo santo dia,
No oratorio
Lá da Piedade;
E toda noite
Sou *absorvida*
Por um honesto,
Gordanchudo frade !...

Elle me fala em amoroso tom !

(*Bis*)—Que frade honesto, que frade bom !

(*Suspirando*) Ai ! . . . Ai ! . . . Que frade bom ! . . .

Outra beata
Como eu não resta,
Pois dou-lhe tudo
P'ra fazer a festa,
E vou á noite
Com elle resar,
Até o fogo
Todo se apagar !

Elle me fala em amoroso tom!

(*Bis*)—Que frade honesto, que frade bom ! . . .

(*Suspirando*) Ai ! . . . Ai ! . . . Que frade bom ! . . .

Eu quasi sempre
Beijo-lhe o rosario,
Puxo os cordões,
Pego o breviario;

E junto a elle,
Lá na sacristia,
Faço os repiques
Da missa do dia ! . . .

Elle me fala em amoroso tom!

(Bis)—Que frade honesto, que frade bom ! . . .

(Suspirando) Ai ! . . . ai ! . . . é bom que dóe ! . . . (sae)

SCENA VI

MR. BEEF E SINHÁ MARIQUINHAS

Mr. Beef—Mim tem visto muita coisa de arrepiá cabella em *Meio de Munda* ! Então esse beata não dorme em casa ? Vive todo noite no conventa ?

Sinhá Mariquinhas—Eu sei lá, *mistres* ? Vá *préguntá* ao frade. . . *Mistres*, lá vem uma *dólorá*.

SCENA VII

OS MESMOS E A DOUTORANDA

Doutoranda—(*entra vestida de beca e capello — inclina-se diante do inglez e da mulata e canta*)

(N. 15)

Eu estudei medicina,
Já sou habil parteira;
Mas por certos *avechames*,
Ficarei sempre solteira !

Em casando, estou bem certa
Que o momento ha de chegar,
E depois dos nove meses,
Queira ou não queira, estourar !

Ter um fedelho na pança
Tanto tempo, que castigo !
Quem quizer que multiplique,
Tal conta não é comigo !

Quem quizer que tome puchos,
E que me mande chamar,
Porque hei de ferro em punho,
Muito trambolho puxar ! (*sae*)

SCENA VIII

MR. BEEF E SINHÁ MARIQUINHAS

Mr. Beef—(*maliciosamente*) Mim quer fica doente para ser curada por este rapariga. . .

Sinhá Mariquinhas—*Apois em mim é qui ella não mette o ferro não, mais Deus é grande ! . . .*

SCENA IX

OS MESMOS E D. JOGATINA

D. Jogatina—(*dirigindo-se apressadamente ao Inglez*) Cavalleiro, si a Policia e a Intendencia perguntarem si me viu passar, diga que não. . .

Sinhá Mariquinhas—E quem é Vm., *yayá*, *inda qui mar lhe prégunte ?*

D. Jogatina—Eu sou a D. Jogatina!... (*tomando os dois pelas mãos*) A Policia e a Intendencia perseguiram-me no *Passêio Publico*, perseguiram-me na *Piedade*, perseguiram-me no *Polytheama*; mas eu não dou cavaco.

Mr. Beef—Vosmecê non dá cavaca ?

D. Jogatina—Nenhum ! Sabem o que vou fazer ? Vou abrir de par em par as portas de minha casa de residencia, annuncio publicamente que estou funcionando, e desta forma a Policia e a Intendencia deixam de perseguir me. . . .

Mr. Beef—Mas Policia de *Meio de Munda* pôde faz tuão quanto quer ? . . .

Sinhá Mariquinhas—*Yayá*, *oie qui as gazeta pôde fazê um desespero. . . .*

D. Jogatina—Qual nada ! Para amarrar os braços da Policia eu trato de botar em casa gente de gravata lavada, e quando a Imprensa bradar, eu declaro que não tenho banca de rolêta, mas sim uma escola onde se ensina *geographia*. . .

Sinhá Mariquinhas—E a *Intendencia* ?

D. Jogatina—A Intendencia só pode mandar na rua, mas não na minha casa . . .

Mr. Beef—Vosmecê tem olho muito aberta . . .

D. Jogatina—Bem, até logo (*sae*)

SCENA X

MR. BEEF, SINHÁ MARIQUINHAS E UM VENDEDOR DE KAGADOS

(*O Vendedor entra arrastando kagados por diversas cordas*)

Mr. Beef—*Sinhá Marriquinhas*, que bicharia é aquelle ? . .

Sinhá Mariquinhas—Aquillo é *kagos*, *mistres* . . .

Mr. Beef—Como ? *Ka* *ka* . . . *gas* ? . . .

Vendedor de kagados—(*dirigindo-se ao Inglez*) O senhor quer comprar algum kagado ?

SCENA XI

OS MESMOS E O 2 DE JULHO

(*O 2 de Julho é representado por um velho, vestido de branco, chapéo de palha branca com uma folha de croton de cores, conhecida por folha brasileira, presa á fita do chapéo, facha larga de cores verde e amarella, a tiracollo, capella de folhetas douradas ao hõmbro esquerdo e luvas de algodão*)

O 2 de Julho—(*entrando apressado*) O' senhor dos kagados ó senhor, faça favor ! Já estou cansado de chamal-o e o senhor nada de ouvir-me O senhor quer vender-me os kagados ?

Vendedor de kagados—Com muito gosto . . .

O 2 de Julho—(*á parte*) Que achado ! (*alto*) Pois eu fico com elles

Vendedor de kagados—Mas quem é o senhor, ainda que mal lhe pergunte ?

O 2 de Julho—Então não me conhece ? Não conhece mais o 2 de Julho ? . . .

Vendedor de kagados—Eu pensei que o senhor já tivesse morrido . . .

SCENA XII

OS MESMOS E A COMPANHIA VEHICULOS ECONOMICOS

Companhia—(entrando apressadamente e mostrando-se assás fatigada) Onde diabo se terá mettido aquelle homem ? (correndo a vista e deparando com o Vendedor de kagados) Ah ! até que emfim respiro ! . . . Era justamente ao senhor que eu procurava !.. (dirigindo-se ao Vendedor) Eu quero comprar todos os kagados que o senhor tem ahí. . . .

Vendedor de kagados—Agora é tarde, meu amo. . . .

O 2 de Julho—São meus. . .

Companhia—Então o senhor ha-de fazer-me o favôr de ceder-m'os

O 2 de Julho—Era só o que faltava . . . Eu não posso porque preciso delles para o meu monumento. . .

Companhia—E agora eu ? !.. Eu que já não tenho nem burros, nem mulas, nem cavallos para os passageiros que viajam para o Bomfim e para Itapagipe ? !..

Mr. Beef—(para Sinhá Mariquinhas) Quem é aquelle senhóra de mula e cavalla ? . . .

Sinhá Mariquinhas—(á parte) E' a Companhia dos bondes do Bomfim. . .

O 2 de Julho—Pois minha cara senhora, eu sinto muito não poder ceder-lhe os kagados, porque elles têm alto alcance historico para mim. . .

Companhia— Ora, deite outros bichos no seu monumento. . . Eu hei de perder um animal tão activo, tão forte, tão indispensavel para conduzir os meus bondes ?

O 2 de Julho—E que tenho eu com isso ?

Companhia—Pois o senhor quer que o publico continue a soffrer por falta de conducção ? !.. Olhe, é por pouco tempo, porque muito breve eu vou ficar electrica. . .

O 2 de Julho—Já lhe disse que comprei os kagados e os kagados são meus. . . .

Mr. Beef—(á parte) O' Sinhá Marriquinhas, este historia de kagadoria non acaba mais non ?

Sinhá Mariquinhas—(á parte) Eu sei lá, seu mistres. . .

Companhia—(á parte) Isto é o diabo ! O mormo tem com-

plicado a minha vida. Só nesta semana lá se foram 50 burros desta para a melhor! E' o diabo! A continuar assim não sei o que ha de ser de mim! Não é lá porque eu me importe com os passageiros... já estou acostumada com elles, que pagam e não bufam; mas a tal senhora Intendencia .. (*para o 2 de Julho*) Então decididamente o senhor não me cede os kagados?

O 2 de Julho—Sabe de uma coisa?... Vá chorar para lá... (*para o Vendedor*) Venha receber o dinheiro de seus kagados, meu amigo... (*dando as costas á Companhia*)

Companhia—Mas isto assim é um desafôro.... O senhor pode levar os kagados porque já os comprou, mas não tem a direito de tratar-me grosseiramente....

O 2 de Julho—Ora vá catar suas fichas...

Companhia—Vá você, *seu malcreado*, grandicissimo insolente!.. (*sae*)

O 2 de Julho—Malcreada é ella, atrevida!... (*para o Vendedor*) Vamos, *seu coisa* (*sae acompanhado pelo Vendedor*)

Mr. Beef—Oh! Que porcaria de bicharia!...

SCENA XIII

MR. BEEF, SINHÁ MARIQUINHAS E A NORMALISTA

Normalista

(N. 16)

Meus senhores, sou a Normalista
Uma rapariga muito souza,
E vou estudar todos os dias,
No internato da *Cova da Onça*!

Eu não tenho medo de panthéras,
E com *onças* vivo acostumada,
Pois na *cóva* dellas eu estudo
E sei tanto que estou approvada!

Muito nós sabemos lá na *Escola*,
Progresso tão grande eu nunca vi,
Para ser homem falta-me bem pouco,
Pois o que elle sabe eu aprendi! (*sae*)

SCENA XIV

MR. BEEF E SINHÁ MARIQUINHAS

Mr. Beef—Então que é que falta para aquelle rapariga ser como mim é?... .

Sinhá Mariquinhas—Eu sei là !... só se vendo...

Mr. Beef—Oh ! mim tem vontade de vêr. .

Sinhá Mariquinhas—Cruz ! Arrênêgo de você, mistres...
Qui ingrez damaado!.. (saem)

MUTAÇÃO

QUADRO VII

(Sala Nobre)

SCENA I

A SOCIEDADE

(Traja tunica branca, pelos joelhos, tendo laços de fitas de diversas cores e compridas pontas collocados aos hombros; traz meia mascara de setim no rosto e uma perna descoberta.)

Os senhores me conhecem ? Não me conhecem ?!.. Eu sou a eterna mascarada, a creatura mais exigente de todos os paizes e de todos os seculos !.. Eu quero tudo e não dou absolutamente nada ! Nada faço, e condemno tudo quanto se faz ! Ainda não me conheceram ?

Pois então oiçam: Eu sou a Sociedade *(tirando a mascara)*, e vou mostrar-vos agora o verdadeiro pagode das minhas classes; por exemplo, vou mostrar-vos o que é um baile de alta aristocracia *(dirigindo-se a um lado dos bastidores)*. Senhor Barão, senhora Baroneza, vossas excellencias podem entrar, a gosto... *(entram um cavalheiro e uma dama, de braço dado; aquelle casacalmente vestido e esta com rico traje de baile.)*

SCENA II

A SOCIEDADE, O BARÃO E A BARONEZA

Barão—*(abanando-se com as luvas e passeiando)* Que calor !.

Baroneza—E' verdade, que calor !...

Barão—Entretanto hontem fez frio...

Baroneza—E' verdade, hontem fez frio... (a orchestra começa a tocar a primeira parte dos Lanceiros—N. 17)

Barão—Vamos dansar este Lanceiro ?

Baroneza—Com muito gosto (começam a dansar, até que, terminada a primeira parte da musica, desapparecem de scena)

SCENA III

A SOCIEDADE (rindo-se)

São sempre aquillo mesmo ! Só dansam os Lanceiros e não dizem mais nada !... Em compensação, porem, têm titulos e dinheiro ! (remontando) Ali vem um par muito interessante ! Pertence á classe média. O cavalheiro anda constantemente de bolso vasio, porque lhe custa bastante conservar o collarinho engommado e a gravata lavada (entram um cavalheiro e uma dama modestamente vestidos)

SCENA IV

A SOCIEDADE, D. LUIZINHA E O SR. JANJÃO

O Sr. Janjão—Palavra de honra, Luizinha, si eu não arranjar um emprego publico, mando os pinceis para o diabo, mudo-me p'ra o Cabula, melto-me numa roça e vamos plantar batalas...

D. Luizinha—E' o melhor que tu fazes, Janjão, e fica sabendo mais: eu já tenho cosido e trabalhado tanto, que já estou com a minha machina toda estragada...

O Sr. Janjão—Eu já desconfiava disto ha muito tempo; mas não vale a pena pensar em coisas tristes !.. (suspirando) Ai !... Ai !... vamos brincar, que é melhor...

D. Luizinha—E' verdade, vamos brincar; o brinquedo difarça muita coisa nesta vida!.. (a orchestra toca o schotish-musica n° 18—o par dansa, desapparecendo ao terminar a musica)

SCENA V

A SOCIEDADE (só)

Aquelles têm a sua felicidade relativa: trabalham de dia e brincam de noite... Agora eu vou mostrar-vos a classe baixa

Esta é que não soffre, porque faz o que entende e não dá satisfações a ninguém; e já vae num progresso tal, que imita perfeitamente a classe superior (*remontando*) Entre, senhor Cosme, entre, senhora Faustina (*um creoulo e uma creoula entram, de braço dado, pisar aristocratico, vestido o creoulo de calça de Cachemira clara, sapatinhos de oleado e de entrada baixa, collete branco, croisé, collarinho alto, gravata com um grande laço vermelho, chatelaine, lenço branco fóra do bolso do croisé, flôr na boutonnière, luvas calçadas, pince-nez na ponta do nariz, comprido charuto á bocca, acceso, chapéo de pello de castor branco na mão e bengallinha debaixo do braço, tudo levado ao exagero. A creoula traja roupa de baile, degotada, com os braços nus, pulseiras, luvas, pince-nez, grande ramilhete de flores naturaes na mão e grande pluma branca no cabelo*).

SCENA VI

A SOCIEDADE, COSME DAS VIRGENS E FAUSTINA

Cosme—*Entonce, vossa incellença gostou da marcação qui eu fiz na quadria? Duas parte do galupe e traversé! Isto foi mesmo de um enthósiasmo bruto no fim, não acha vossa incellença? . . .*

Faustina—*E' verdade, eu góstei qui me enrosquei, e achei tambem muito bonito o chenes de dames. . .*

Cosme—*E os promenades?*

Faustina—*Foi só o qui não foi possible acertá . . .*

Sociedade—*Querem dansar ainda alguma coisa?*

Cosme—*Agardecido, nós não póde mais dansá p'ra mode não suá . . .*

Faustina—*Mórmentes eu, qui já estó aqui cumo um melado. .*

Cosme—*Eu tambem não deixo de não está; foi o arresurtado das dansa (vollandose para a Sociedade) Boa noitel. . .*

Faustina—*Boas noite. . .*

Sociedade—*Muito boas noites. . . (para a platéa) Que dois! . . . (sae)*

SCENA VII

A IMPRENSA, O REDACTOR, MR. BEEF E SINHÁ
MARIQUINHAS

(A *Imprensa* veste á romana, manto real, grande penna na orelha e bolsa na mão. O *Redactor* traz uma penna na orelha, grande livro debaixo do braço e um thuribulo na outra mão)

Imprensa—(dirigindo-se ao *Inglez*) Pode entrar, meu amigo, sem cerimonia alguma; esta casa é nossa. Pertence á Sociedade, e, portanto, é nossa: entra-se sem mesmo pedir-se licença. Mas como lhe dizia, acabo de abrir uma subscripção para as creanças desvalidas, e espero a sua generosidade...

Sinhá Mariquinhas—(que tem observado tudo com curiosidade—dirigindo-se á *Imprensa*) E quem é Vosmecê, yága, inda qui mar lhe prégunte, qui nos trouxe aqui p'ra casa da Sociedade?...

Imprensa—Eu sou a *Imprensa*. . . .

Sinhá Mariquinhas—Ah! é a *Imprensa*, mistres, qui está pedindo uns cobre para as criança. . . .

Mr. Beef—Oh! yes, muito bonita, muito bonita (*tira dinheiro do bolso e joga dentro da bolsa*)

Imprensa—Que o céu derrame a cornucopia das benções sobre as tuas duas cabeças, almas generosas!

Redactor—(aproximando o thuribulo de *Sinhá Mariquinhas* e do *Inglez* e incensando os) Amen! . . .

SCENA VIII

OS MESMOS E DOIS DESCONHECIDOS

1.º **Desconhecido**—(para o 2.º) Eu não disse que havíamos de encontra-la aqui? Eil a, offerece-lhe alguma coisa para os asylos e verás si o teu nome não será clogiado em letras redondas. . . .

2.º **Desconhecido**—Que se ha de fazer, si não ha outro geito? . . . (dirigindo-se á *Imprensa*) V. Ex.ª é a *Imprensa*?

Imprensa—Em pessoa. . . .

2.º **Desconhecido**—Então tomo a liberdade de offerecer esta insignificante quantia para ser applicada em favor dos orphãos necessitados. . . .

Imprensa—Que o céu derrame a cornucopia das bênçãos sobre a tua cabeça, alma generosa !

Redactor—(*incensando o 2.º Desconhecido*) Amen !

Imprensa—Como se chama, cavalheiro ?

2.º Desconhecido—Porque pergunta, minha senhora ? . . .

Imprensa—Para publicar seu nome amanhã nas minhas columnas de honra.

Redactor—(*abrindo o livro para tomar nota*) Digá sem cerimonia, para tomar nota . . .

2.º Desconhecido—Qual! .. não... não... não faça isto... eu me acanho . . .

Redactor—Pois não se acanhe . . .

1.º Desconhecido—(*dirigindo-se á Imprensa e entregando lhe um cartão*) Olhe, aqui está o seu nome; elle quer, mas finge estar com vergonha . . . Dê-lhe propositalmente uma noticia deste tamanho e chame-o de amigo, de illustrado e caridoso! Isto é o que elle quer! . . . (*depois dos devidos cumprimentos, retiram-se o 1.º Desconhecido e o 2.º*)

SCENA IX

OS MESMOS, MENOS OS DOIS DESCONHECIDOS

Redactor—(*á parte, apontando para a Imprensa*) Si ella não andar de discurso engatilhado e eu dethuribulo em punho, a Caridade fica reduzida a um por cento aqui no *Meio do Mundo* !

Mr. Beef—(*para a Imprensa*) Oh ! Vm. faz noticia grande por 5\$000 ?

Imprensa—De certo, eu tambem sou generosa . . .

Mr. Beef—(*tirando dinheiro do bolso e dando metade á Imprensa*) Oh ! então, Vm. toma este dinheira para menina que não tem mais seu mãe nem sua pae e escreve artiga de tamanho de metade de sua jornal! . . .

Imprensa—Que o céu derrame a cornucopia das bênçãos sobre tua cabeça, generoso coração !

Redactor—(*incensando*) Amen ! . . . Amen ! . . . (*abrindo o livro e dirigindo-se ao Inglez*) Como se chama ?

Sinhá Mariquinhas—*Mistres Beef*; mais abasta de tanta fumaça, chegue o seu fogareiro p'ra lá.

SCENA X

OS MESMOS E UM ASSIGNANTE DE JORNAES

Assignante—(*dirigindo se á Imprensa*) Minha respeitavel senhora, estou cansado de procural a; venho communicar-lhe que acabo de pagar adiantadamente a minha assignatura de um anno, e como amanhã é o dia de meu anniversario natalicio, não se esqueça de dar-me os parabens pelo seu conceituado jornal: aqui está o meu cartão (*entrega e sae*)

SCENA XXI

OS MESMOS, MENOS O ASSIGNANTE

Mr. Beef.—(*entregando o resto do dinheiro á Imprensa*) Vosmecê faz tambem favôr toma todo este dinheira de assignatura de sua jornal e non esquece dar tambem parabens á *Sinhá Marriquinhas de Bica-Roxo*, que vae faz seu annos tambem manhã . . .

Imprensa—(*recebendo o dinheiro*) Então vou escrever immediatamente a noticia.

Redactor—(*dirigindo se á Sinhá Marriquinhas*) Mas antes disso, permitta que . . . (*incensa-lhe o rosto—sacm*)

SCENA XXII

MR. BEEF, SINHÁ MARIQUINHAS E A VERBA

Sinhá Marriquinhas—*Qui home adientado! Cruz! . . .*

A Verba—(*entra cautelosamente, com o dedo impondo silencio aos dois*) Psiuh! . . . psiuh! . . . (*vae a sair*).

Mr. Beef—(*dirigindo-se a ella rapidamente*) Como é que Vm. chama, p'ra mim fica calada?

A Verba—(*segurando o pulso do Inglez e trazendo-o á bocca de scena, muito confidencialmente*). Eu sou a Verba para as obras de *Palacio!* Não quero que saibam que eu cheguei por que vou servir para outras coisas mais urgentes. . . (*sae*)

SCENA XIII

MR. BEEF E SINHÁ MARIQUINHAS

Sinhá Mariquinhas—(zangada) *O qui é qui você estava cochichando cum aquella sujeita, mistres? Isto tambem é demais! Qui home damnado! Qui desespero! Vômos p'ra casa, sinhô, eu não estô mais p'ra isto não!*

Mr. Beef—Oh! *yes; mim vae com você...*

Sinhá Mariquinhas—*Entonce vômos logo, sinhô, não demore mais não...*

Mr. Beef—Oh! *yes... oh! yes... (saem)*

MUTAÇÃO

QUADRO VIII

(A mesma vista do Quadro IV)

SCENA I

O EMPREITEIRO

(*entrando contrariado*) Isto só pelo diabo! Não vale a pena sêr-se empreiteiro de obras publicas aqui no *Meio do Mundo!* Ha seis meses que nao vejo boia! Já requeri um milhão de vezes e nada de *Verba!* Entretanto constou-me que ella já chegou; e eu vou procural-a immediatamente, porque o maldito *Palacio* é um phantasma que tenho sobre os hombros! Não me deixa, persegue-me a toda hora!... Eu acabo mais é abrindo uma subscrição publica para terminar as obras do encantado palacio.... (*vae a sair e esbarra-se com o Palacio que o segura pelos braços*)

SCENA II

O EMPREITEIRO E O PALACIO

(*O Palacio é representado por um esqueleto, trazendo nas costas um cartaz com o seguinte lettreiro—ANNUNCIOS—em caracteres bem visiveis*)

Palacio—Então você pensa, senhor empreiteiro de uma figa, que eu não tenho mais que fazer sinão andar correndo a via-sacra por sua causa? Então você quer deixar-me de

calva á mostra, de ossos de fóra, completamente esburacado por toda a vida, servindo á noite para covil de antropophagos?!..

Empreiteiro—O senhor tem toda razão; mas me deixe por um momento, eu já volto, vou buscar uns pregos.

Palacio—No prego acabo eu para poder vestir-me; mas eu é que não o largo mais, e aguenta-se no balanço (*trepase nos hombros do Empreiteiro*)

Empreiteiro—Mas por favor, por piedade!... Deixe-me, ao menos, vêr si encontro a Verba...

Palacio—Ora não seja creança, a Verba ainda não veiu nem virá; mas com isto é que eu não tenho nada!... Vamos, caminhe, caminhe que eu já estou damnado!..

Empreiteiro—Isto só pelo diabo!.. (*a Verba atravessa o fundo da scena correndo*) Olhe ella. . (*dá um impulso violento, atirando o Palacio ao chãc*) Psiuh!... psiuh!... ó senhóra!... ó senhóra!... (*sae correndo ao encalço da Verba*)

Palacio—(*levantando-se e correndo a toda desfilada atraz do Empreiteiro*) O' senhor Empreiteiro!.. O' senhor Empreiteiro!..

SCENA III

MR. BEEF E SINHÁ MARIQUINHAS

Sinhá Mariquinhas—(*entrando*) Assim tambem é demais, seu mistres! Apois você não deixa a gente mais descansá, não? Onde eu vou ha de vim logo atraz?!..

Mr. Beef—Oh! yes, atraz! Mim vae atraz p'ra conhece Meio de Munda!..

Sinhá Mariquinhas—E você tem gostado de minha terra?

Mr. Beef—Oh! muito bom, muito bom terra! Muito bom carú... carú... rú... ca... rú... rú e vata... vata... va... tá... pá...

Sinhá Mariquinhas—Quanto mais si mistres comesse uns cúsús feito por mim!... Entonce sim, é qui havéra de lambê os beijo... (*ouve-se susurro de vozes mais ou menos distinctas*)

Mr. Beef—Cús... cús?!.. Oh! muito bom, mim gosta muito! (*reparando nos bastidores*) Sinhá MARIQUINHAS, que é aquillo?

Sinhá Mariquinhas—(*reparando*) Chi!... seu mistres, é as Praga e os Peccado todo deste mundo!

SCENA IV

OS MESMOS, O BOND, O JOGO, O FILANTE, O BICORIO, O DEPUTADO, O PATRONATO, O FILHOTISMO, A POLITICAGEM, A COMPANHIA BAHIANA, A COMPANHIA DO QUEIMADO, A LOTERIA, A POLICIA, A SUBSCRIPÇÃO, A MANIFESTAÇÃO E O ZÉ-POVINHO.

(*Entram dois a dois, de braços dados, um homem com uma mulher, tendo á frente o Zé-Povinho. Fazem uma volta pela scena, deixando os homens, na passagem de um para outro lado da scena, os braços das mulheres, que formam-se a E e os homens a D.—Separados assim os dois grupos, unem-se em semi-circulo, ficando o Zé-Povinho, Mr. Beef e Sinhá Mariquinhas no centro—Entram cantando*)

CORO GERAL

(N. 19)

Viva, viva o illustre
Zé-Povinho,
Que de nós todos
E' visinho !

Zé-Povinho—Obrigado, minha gente

CORO GERAL

Viva, viva o illustre
Zé-Povinho,
Que de nós todos
E' Visinho !

(*dansam a 2.^a parte da musica e repelem o canto*)

Zé-Povinho—(*para Sinhá Mariquinhas*) E' verdade, Sinhá Mariquinhas, você cada vez mais bonita, heim ?...

Sinhá Mariquinhas—*Quá, yôyô, já não sou quem dantes era... (para o Inglez) Mistres, está aqui o home mais conhecido desta terra, seu Zé-Povinho (para Zé Povinho). Este aqui é seu mistres, é ingrez da Ingraterra (os dois estreitam as mãos)*

Zé-Povinho—Eu cá sou páu para toda obra, meu amigo, conte comigo para tudo que fôr preciso...

Mr. Beef—Obrigada, muito obrigada ! Mim non precisa nada. Mim está viajante para estuda costumes deste terra...

Zé-Povinho—Ah ! você então está estudando os nossos costumes para escrever depois alguma obra neste sentido, nos mettendo as botas, como fez aquelle insolentissimo francez que appareceu no Rio de Janeiro, não é assim ?

Mr. Beef—Oh ! non, non, non mette botas non... Mim tem gosta muito de *Meio de Munda* ! Está muito deantada, muito rapariga bonito, oh ! *yes* !...

Zé-Povinho—Sim, vocês todos são bons, têm todos pela mesma cartilha... Emquanto precisam de nós, são uns santinhos; depois que enchem bem a barriga, não passamos de povo estúpido, selvagem, atrasado e quanta coisa mais vocês entendem de dizer contra mim, a minha gente e a minha terra!.. Esta minha terra só presta, na verdade, para encher a barriga de vocês, e de outros como vocês...

Mr. Beef—Oh ! mim non tem ainda barriga cheio, mas quando chega dia de enche barriga, mim promette offerece você muito areia branca de Prado, p'ra você enche seu barriga tambem...

Sinhá Mariquinhas—(para *Zé-Povinho*) O' seu *Zé*, acabe de uma vez *cum* este *negôço* de barriga e *amostre* logo esta gente a *mistres* p'ra elle *ficá* conhecendo...

Zé-Povinho—Com muito gosto (para o *Inglez*) Aproveito a occasião para apresentar-lhe as *Sete Pragas* e os *Sete Peccados do Meio do Mundo* (mostrando os dois grupos): são meus intimos amigos...

Mr. Beef—(reparando as mulheres) Oh ! *Pragas* muito bonito !.. Vm. póde dar nome delles de baptisma ?

Zé-Povinho—Pois não, vou apresentar-lhe um por um destes meus amigos (apresentando). Este aqui é o Sr. *Bond*.

O Bond—(Popular trazendo na cabeça um *bond*, á guiza de chapéo)

(N. 20)

(recita) Eu sou o *Bond*, *Peccado* eterno,
Que arrasta o povo por trombolhões;
Quebro cabeças, braços e pernas,
E não acceito reclamações !

Zé-Povinho—(apresentando) Esta é a Sra. D. *Politicagem*!
A Politicagem—(Vestida de roupa de retalhos de diversas cores, com enorme raspadeira ao hombro)

(N. 21)

(*canta*) Sou a *Politicagem*,
 E tenho geito fecundo,
 Para elevar os sabidos
 Aqui no *Meio do Mundo*!

CÔRO GERAL

E' a *Politicagem*,
 E tem geito fecundo,
 Para elevar os sabidos
 Aqui no *Meio do Mundo*!

Zé-Povinho—(apresentando) O Jogo!...

O Jogo—(Vestimenta regia, corôa formada de cartas, tendo cartas tambem pregadas no manto).

(N. 22)

(*recita*) Eu sou o *Jogo*, sou a ave de rapina,
 O inimigo das honestas populaças!
 Vivi, outr'ora nas combucas, e hoje vivo
 Impunemente, sedusindo pelas praças!..

Zé-Povinho—(apresentando) A distincta *Companhia Bahiana*!

A Companhia Bahiana—(Vestida á marinheiro, tendo um vapor á cabeça, á guisa de chapéo)

(N. 23)

(*canta*) Sou das *Companhias*
 O maior orgulho,
 Para eternisar-me
 Basta o 2 de *Julho*!

CÔRO GERAL

E' das Companhias
O maior orgulho,
Para eternisal-a
Basta o 2 de Julho!

Zé-Povinho—(apresentando) O *Filante* !.

O *Filante*—(Janota, com sobretudo debaixo do braço, bengala, pince nez ou monoculo, luvas, flor no peito e charuto)

(N. 24)

(*canta*) De manhã salto da cama,
Vou ao *Esmero* almoçar;
Vou fazer *lunch* no *Luzo*,
Depois no *Pariz* jantar!

E a custa alheia vivendo,
Passo alegre e triumphante;
E eis em duas palavrinhas
A historia de um *Filante*!

Zé-Povinho—(apresentando) Esta é a afamada *Companhia do Queimado*!

A Companhia do Queimado—(Tunica branca com grande *quartinha á cabeça*)

(N. 25)

(*canta*) Meus caros senhores, quem vos fala
E' a *Companhia do Queimado*!
E aqui p'ra nós, muito em segredo,
Sou a maior *Praga* deste Estado!

CÔRO GERAL

Effectivamente, quem vos fala
E' a *Companhia do Queimado*,
E nós concordamos, com franquesa,
Que é a maior *Praga* deste Estado!

Zé-Povinho—(apresentando) O muito respeitavel senhor *Bicorio*, elevado á altura de todos os principios!

O Bicorio — (*Casalmente vestido, luvas e enorme caneta com penna ao hombro, á guisa de espada*)

(N. 26)

(*canta*) Sou o *Bicorio*, *Peccado* mais terrivel
 Que nesta terra tem servido para a eleição;
 Cheguei á altura de um principio glorioso
 E sou amigo do *Governo* e *Opposição!*

CÔRO GERAL

Chegou á altura de um principio glorioso
 E é amigo do *Governo* e *Opposição!*..

Zé-Povinho—(*apresentando*) A *Loteria*, a pavorosa *Praga!*

A Loteria—(*Tunica vermelha, salpicada de bilhetes de loteria*)

(N. 27)

(*recita*) Eu sou a *Loteria* a pavorosa *Praga*,
 Que accumula milhões no bolso do bandalho,
 A vibora fatal que vive unicamente
 A' custa do suor honesto do trabalho!

Zé-Povinho—(*apresentando*) Este é o Exm. Sr. *Deputado*, o maior *Peccado* deste mundo!

O Deputado—(*Casalmente vestido, com uma cadeira á cabeça, de pequeno formato, lendo escripto no espaldar-CONGRESSO*)

(N. 28)

(*canta*) Sou dentro todos
 Maior *Peccado!*

CÔRO GERAL

Maior *Peccado*, maior *Peccado!*

O DEPUTADO

Pois, meus senhores,
 Sou *Deputado!*

CÔRO GERAL

E' Deputado ! E' Deputado !..

Zé-Povinho—(apresentando) A D. Policia...

A Policia—(Vestida á militar, de espingarda e baioneta calada ao hombro)

(N. 29)

(recita) E eu sou a Senhora Policia,
E venho dizer-vos de vez,
Que quem não andar di-citinho,
Vae sem demora para o xadrez!

Zé Povinho - (apresentando) A Subscrição e a Manifestação,
duas intimas amigas!...

A Manifestação—(Roupa de baile e thuribulo na mão)

(N. 30)

(canta) Eu sou a formosa Praga
Gentil Manifestação !...

A Subscrição

(Tunica azul e gande bolsa na mão, papel e lapas)

(canta) E sempre p'ra proteger te,
Eu sou a Subscrição!

CÔRO GERAL

São duas irmãs unidas,
E vivem num pagodão,
Filando do bolso alheio
Os cobres para a função !...

Zé-Povinho - (apresentando) O Patronato e o Filhotismo,
dois gigantes de heroismo !

O Patronato—(Barrigudo, typo burguez, com grande mama-deira na mão)

(N. 31)

Eu sou o *Patronato* !

O Filhotismo

*(Cumprida tunica verde e uma touca branca
na cabeça, segurando uma mamadeira)*

E eu sou o *Filhotismo*!

O Patronato

Sou teu pae !

O Filhotismo

Sou teu filho ! ...

Ambos

Dois gigantes de heroismo!

CÔRO GERAL

Elle é o *Patronato*,
Elle é *Filhotismo*,
Falta a mãe para ser completa
A familia do heroismo!

(dansam a 3.ª parte da musica)

Mr. Beef—Oh! muito bom familia! Mim dá parabens a vosmecê *(estreitando a mão do Zé-Povinho)*. Mim vae toma nota para escreve no *Times* impressão deste apresentação de *Pragas e Peccadas de Meio de Munda!*

Sinhá Mariquinhas—Viva seu Zé ! ...

CÔRO GERAL

(N. 32)

Viva o illustre *Zé-Povinho*,
O eterno folião,
Que é páu para toda obra.
E vive num pagodão !

Zé-Povinho—Obrigado, minha gente!...

CÔRO GERAL

Viva o illustre Zé-Povinho,
O eterno folião,
Que é páu para toda obra,
E vive num pagodão !

(Repetem o canto e saem ao som da musica e na mesma ordem da entrada, e entre entusiasticos vivas, erguidos ao Zé-Povinho, ao Bicorio, ao Jogo, á Politicagem, etc, vivas que são energicamente correspondidos).

Cae o panno



ACTO III

PERSONAGENS

M. Beef	O Litterato
Sinhá Mariquinhas do Bico-Roxo	O Critico
O Corneteiro	O Redactor
O Official	O Collaborador
A Opinião Publica	1.º Espanador
O Sachristão	2.º »
O Sineiro	1.º Individuo
O Regente	2.º »
A Folha Official	1.º Musico
A Folha da Opposição	2.º »
O Mascarado	3.º »
Zé-Povinho	4.º »
O 2 de Julho	1.º Cantor
A Escocesa	2.º »
A Mulata Velha	1.º Soldado
	2.º »

Mulheres do grupo das Uvas, Dois Velhos, Dois Caboclos, Soldados, Aggressores, Batalhão Patriotico e Ranchos de Populares.

NUMEROS DE MUSICA

1 Côro das Uvas	Tango das Moças
2 Duetto dos Espanadores	Um inteiro e dois quartos
3 Tercetto (Critico, Redactor e Collaborador)	O Tio Celentino
4 Marcha do Batalhão Patriotico	Dobrado « Augusto de Carvalho »
5 Coplas dos Ranchos Populares.	Meu boi vaqueiro
6 Côro final da Apothéose	Hymno bahiano 2 de Julho

ACTO III

QUADRO IX

A MESMA VISTA DO QUADRO IV

SCENA I

CORO DAS UVAS

(São representadas por mulheres seductoramente phantasiadas, calças de meia, cabellos soltos, tendo o corpo envolto em véus transparentes, de varias cores, trazendo na mão galhos de parreira e a fronte cingida de capellas formadas de uvas e folhas respectivas.—Durante o tempo em que se conservam em scena são illuminadas por fogos cambiantes.)

(N. 33)

- Somos as *Uvas*
Abandonadas,
(bis) Depois das onze
Tão desejadas !
- De *Castro Alves*
No largo andamos,
(tris) E muitas coisas
Nós encontramos !
- Soldados e onças,
Com grande espada,
(bis) Já temos visto
Na nossa estrada !
- Mas, francamente,
Isto em segredo,
(tris) De tanto ferro
Não temos medo !
- Somos chupadas,
Somos cumidas,
(bis) E ingratamente
Somos cuspidas !

Té cobras vivas,
 Cobras viúvas,
 (tris) Querem morder-nos
 Por sermos *Uvas!* (saem pela D.)

SCENA II

OS ESPANADORES

(Entram pela E e são representados por dois janotas de espanadores nas mãos)

(N. 34)

P'ra sacudir vossos trastes,
 Nós somos *Espanadores*,
 E pomos nossos serviços
 A's vossas ordens, senhores!

1.º Espanador

Só faço trabalhos leves,

2.º Espanador

E eu sou rapaz verdadeiro,

Ambos

Duelto

tris

{ Procuramos um emprego,
 Servindo a moço solteiro!

E somos *Espanadores*,
 Somos do *Maia e Maltez*,
 Por precinhos bem suaves
 Nossos serviços tereis!...

(saem dansando a 2.ª parte da musica)

SCENA III

DOIS INDIVIDUOS

(entram conversando intimamente)

1.º Individuo—E já tens bilhete?

2.º Individuo—Bilhete?!... Pois eu preciso lá de bilhete
 para ir ao theatro?

1.º **Individuo**—E como podes entrar? Tu não és jornalista, não és critico do fallecido *Conservatorio Dramatico*, não és Secretario da Policia nem Chefe da dita, como podes entrar de graça no theatro?

2.º **Individuo**—Ora, como posso entrar de graça!... entrando... Dou-me com o Governador, sou amigo particular do Chefe de Policia, e basta ir atraz de um delles para...

1.º **Individuo**—Comprehendo o resto: entras, disfarças e... camarote do Governador ou da Policia?

2.º **Individuo**—Está visto! Isto nem se pergunta mais. Camarote do Governador ou da Policia, para mim é indifferente; o que eu quero é assistir o espectaculo...

1.º **Individuo**—Fazendo figura e sem gastar dinheiro... Que sabidorio, que finorio que tu és!... Mas, francamente, tu não tens assim um certo acanhamento de fazer tão triste papel, tão ridicula figura?

2.º **Individuo**—Acanhamento de que? Por acaso sou eu só que faço isto? O que não dirás então de certos figurões que eu conheço, que levam tambem a mulher, os filhos, as cunhadas, os genros e as sogras?!...

1.º **Individuo**—Safa! Que *cara-dura*!... Dize me, porem, uma coisa ainda: como te arranjas quando o Governador não vae ao theatro nem o Chefe de Policia?

2.º **Individuo**—Arranjo-me sempre com a Policia, está bem visto, que tem sempre bilhetes de sobra para distribuir com os amigos, ou então metto-me no camarote da *Commissão Theatral* e vou com ella collaborar no grande trabalho de assistir ao espectaculo de graça!... Eu cá não me aperto! Acho sempre o meio de divertir me sem gastar, e nisto é que consiste a grande sabedoria humana: vou aos espectaculos todas as noites, occupo sempre os melhores logares nos theatros, frequento os bastidores e camarins com a tal commissão, que tambem é encarregada desse trabalho, bebo da melhor cerveja nos intervallos, tenho bond especial...

1.º **Individuo**—E tudo a custa do... Estade?...

2.º **Individuo**—Já se vê, já se vê...

1.º **Individuo**—Ora, meu amigo, isto, francamente, não te fica bem! Em um homem de tua posição, que não necessita

de fazer tão triste figura, a troco de quatro vintens de economia, é realmente muito ridículo ! . . .

2.º Indivíduo—Economia ?! . . . Mas a minha grande questão não é tanto de fazer economia; a minha principal questão é de fazer figura! Fazer figura, meu amigo! É também um grande principio da sabedoria humana!

1.º Indivíduo—Compreendo, compreendo ! . . . E é desta forma que muita gente faz figura neste mundo! E não arre-bentem-se as companhias theatraes que para aqui vêm ! . Está porque nenhuma se aguenta aqui: ou quebram ou dissolvem-se . . . (*encaminhando-se para o interior com o 2.º Indivíduo*) Si os caras-duras todos de tua ordem entendessem de frequentar os theatros de graça . . . (*desapparecem*)

SCENA IV

MR. BEEF E SINHÁ MARIQUINHAS

Mr. Beef—(*entrando agilado, de mãos ás costas*) Mim vae telegrápha a minha Governo e pede a Mr. Armstrong todas suas canhões . . .

Sinhá Mariquinhas—Socegue, *mistres*, tenha paciência . . .

Mr. Beef—Mim está resolvida a tudo: ou mim toma conta de todo areia marella de Prado ou leva tudo diaba . . . Mim ha de mostra . . .

SCENA V

OS MESMOS E QUATRO SOLDADOS

(*Os Soldados entram com os olhos vendados, segurando cada um com a mão esquerda a aba da farda do outro, e com a direita o refte, desembanhado; formando todos uma só linha. Atravessam o fundo da scena ás apalpadellas, desapparecendo pelo lado opposto*)

SCENA VI

SINHÁ MARIQUINHAS, MR. BEEF E UM CORNETEIRO

(*O Corneteiro entra á paisano, tocando corneta, e dirige-se ao Inglez*)

Corneteiro—Então você está gostando de me ouvir tocar ? Pois você não está vendo nada. Aqui ha tempos passados,

quando eu era praça do *Regimento*, é que era um *corneteiro* de mão cheia ! Assim mesmo ainda hoje eu faço as minhas variações... Você quer ouvir ? (*começa a tocar; o Inglez arregaaça as mangas, disposto a passar um socco no Corneteiro*)

Sinhá Mariquinhas—(*dirigindo-se ao Corneteiro*) *Yôyô*, vosmecê vá simbóra, por favô... (*o Corneteiro vae se afastando de costas e tocando cada vez mais forte e com enthusiasmo*)

SCENA VII

OS MESMOS E OS QUATRO SOLDADOS VENDADOS

(*Ao chegar o Corneteiro ao fundo, sempre de costas, esbarra-se com os Soldados, que immediatamente o seguram aos trombolhões*)

Todos os Soldados—*Estege preso... estege preso !*

Corneteiro—Preso porque, si eu não fiz nada ?...

Todos os Soldados—Siga, siga, !... (*desapparecem, levando o Corneteiro preso*)

SCENA VIII

SINHÁ MARIQUINHAS, MR. BEEF, DEPOIS UM OFFICIAL

Sinhá Mariquinhas—*Mistres, vômos aprontá a nossa troxa e fazê viage...* Aqui no *Meio do Mundo* nós não tem segurança, não...

Official—(*entrando com todo enthusiasmo pelo lado por onde saíram os Soldados, e dirigindo-se a Mr. Beef*) Desta vez pegamos...

Mr. Beef—Onde é qui vosmecê péga ?

Official—Pegamos o sujeito que cortou a cabeça da rapariga no *Uruguay* ! Prendemos agora mesmo o criminoso; já conhecemos a victima e já sabemos de todas as peripecias do crime: isto é que é actividade !

Sinhá Mariquinhas—E vosmecê já sabe, *yôyô*, quem matô o home no *Rio Vermeio* ?

Official—Lá não houve crime...

Sinhá Mariquinhas—*Ochêntes, yôyô !...*

Mr. Beef—Oh ! não houve crime ? Então homem dá tiro na outra e não houve crime ?

Official—Quem deu o tiro não foi nenhum homem...

Mr. Beef—Então quem deu tiro ?

Official—Foi o revolver !...

Mr. Beef—(*fazendo grande exclamação*) Oh !...

Official—Oh !... de quê? Que tem isto de extraordinario? .
O homem não morreu do tiro ? Quem deu o tiro não foi o revolver ? Logo, o revolver foi quem matou o homem, e até logo que eu tenho mais que fazer (*sae*)

SCENA IX

MR. BEEF, SINHÁ MARIQUINHAS E DEPOIS A OPINIAO PUBLICA

Mr. Beef—Oh ! *yes*, sinhá official tem todo razão ! Revolver dá tiro, tiro mata homem, policia prende revolver, logo revolver é criinínosa...

Opinião Publica—(*entra vestida de luto, atravessa a scena bradando*) Salve-se quem pudér !... Salve-se quem pudér!..

SCENA X

MR. BEEF, SINHÁ MARIQUINHAS E DEPOIS UM SACHRISTÃO

Mr. Beef—Quem é aquelle mulher de luta ? E' algum maluca ?

Sinhá Mariquinhas—E' a *Opinião Pubrica*, *mistres*, qui está em *estado de sito* . .

Sachristão—(*entrando e dirigindo-se á Sinhá Mariquinhas*) Faça favor de me dizer si já passou por aqui a musica sacra que eu contractei para tocar na festa ?

Sinhá Mariquinhas—Qui musica é, *yôyô* ?

Sachristão—A sacra, a da igreja ?!..

Sinhá Mariquinhas—Eu não vi nada não, *yôyô*...

Sachristão—(*dirigindo-se ao Inglez*) E o senhor não vae assistir hoje á festa de *S. Benedicto* ?

Mr. Beef—Mim non conhece sinhá *Benedicta*...

Sinhá Mariquinhas—*Benedicto* é o nosso santo, *mistres*..

Sachristão—Pois a festa vae ser magnifica ! Muita bomba, muito foguete, muito sino, muito povo, e vamos ouvir pela primeira vez a musica sacra !

O vigário, em vista da *Portaria Arcebispa*, auctorisou-me a contractar a *musica sacra*, isto é, musica que só tem instrumentos de córda, e eu vou demorar-me aqui para examinar todos os instrumentos que chegarem... (*ouve-se ao longe som de musica desafinada, que pouco a pouco se aproxima e que opportunamente entra em scena—A musica compõe-se de um violão, um realejo, um flautim, enrolado numa pequena capa de panno, um zabumba e um sino, tendo uma corda amarrada ao badalo, e que fica collocado na frente da musica—Accompanham esta dois sujeitos com cara de italianos*) Ah! Ah! vem elles!... (*esperando-os no meio da scena*) E não entra nenhum musico na igreja sem mostrar-me primeiramente o seu instrumento! (*entra a musica*)

SCENA XI

OS MESMOS, OS DOIS CANTORES DA MUSICA SACRA, O SINEIRO E QUATRO MUSICOS

Sachristão—(*impedindo a passagem*) Alto!... Alto!... Nem mais um passo á frente! Pare a musica! Só póde entrar um por um, depois que eu tenha feito o competente exame... (*puxando o sujeito do sino*) Você póde entrar, que é instrumento de córda. Só não entra instrumento de sopro; foi este o meu contracto, de accordo com a *Portaria* (*o sujeito do sino sae repicando*)

1.º Musico—Eu posso passar?

Sachristão—Não, o senhor não póde! Isto não é instrumento de córda, e não sendo de córda é de sopro; logo não póde entrar (*chamando o Inglez*) Olhe, faça favor de responder-me: o realejo não é instrumento de sopro?

Mr. Beef—(*reflectindo*) Non, sôpra non; é instrumenta de manivella...

1.º Musico—Então já vê que eu pôsso entrar, porque não ha prohibição para instrumentos de manivellas...

Sinhá Mariquinhas—(*para o Sachristão*) Elle tem *rezão*, *yôyô*, a manivella póde *entrá in quarquê logá*...

Sachristão—Está bom, entre, uma vez que não ha prohibição para os instrumentos de manivella... (*o musico do realejo sae, tocando*)

2.º Musico—(dando forte pancada no zabumba) E eu ?

Sachristão—Você é que de modo nenhum entra ! Onde é que já se viu zabumba ser instrumento de córda?!

2.º Musico—Ora não seja besta! (mostrando as córdas lateraes do zabumba) Isto aqui o que é sinão córda ?

Sachristão—Olhe, não se faça tolo comigo não, ouviu ? Do contrario parto-lhe a cara... Passe, passe, seu malcreado (o sujeito do zabumba sae, tocando)

3.º Musico—E eu, seu Sachristão ?

Sachristão—Ah ! você está nas condições, passe... (o musico do violão sae, tocando)

4.º Musico—Olhe, eu não quero duvidas comigo, eu tambem entro...

Sachristão—Deixe-me vêr o seu instrumento... (o musico entrega) O que?... Um flautim!!...

4.º Musico—Mas olhe que é de capa...

O Sachristão—(dirigindo-se ao Inglez) Dê-me a sua opinião: o senhor acha que este flautim de capa deva entrar na igreja?

Mr. Beef—Oh! yes!

Sinhá Mariquinhas—Qui é qui tem, yôyô; eu já tenho visto tantos...

Sachristão—Nada!.. você absolutamente não entra! Você não escapa por vir de capa ! Ponha-se ao fresco ! Vá soprar no diabo que o carregue ! (o flautista sae pelo lado opposto, tocando)

1.º Cantor—(pergunta cantando ao Sachristão) Io posso entrare?...

Sachristão—Você não póde, tenha paciencia ! E' instrumento de sôpro, está se vendo!...

1.º Cantor—Mio instrumento tiene córdas vocales, senore; io sono tenore...

Sachristão—Está bem; á vista disto póde passar (o tenor sae, cantando «La donna è mobile») E você o que é ? (para o 2.º Cantor)

2.º Cantor—(responde cantando) Io sono cantore !

Sachristão—Que vóz tem ?

2.º Cantor—(cantando De basso profundo)!

Sachristão—(reflectindo) Vóz de baixo... é sopro, e cantando de mais a mais pelo fundo... não ha duvida ! O outro

cantava por cima, pelas córdas vocaes, este canta por baixo e pelo fundo ! Não entra, não entra, não póde entrar !..

2.º Cantor—Ma, senore, io sono cantore...

Sachristão—(batendo o pé) Já lhe disse que não entra e não entra mesmo; portanto... rua, mio caro senore!... (o 2.º cantor sae exasperado, pelo lado opposto...)

SCENA XIII

MR. BEEF, SINHÁ MARIQUINHAS, O SACHRISTÃO E
DEPOIS O REGENTE

Sachristão—(para o Inglez) Veja si dá um pulinho sempre á igreja para ouvir a festa...

Sinhá Mariquinhas—Elle não póde vê a festa não, yôgô, elle vae fazê uma viagem nas Candeia...

Mr. Beef—Oh! yes, mim vae a Candeia observa milagre .. (entra o Regente apressadamente, esgrimindo grosso cacele e passando por entre os personagens—Veste casaca, calça branca, collete amarello e velho chapéo de pello.)

Sachristão—(correndo atraz do Regente e segurando-o pela aba da casaca) Quem é o senhor? Onde vae o senhor?

Regente—Ora vá para o inferno! Eu sou o Regente da musica sacra! Largue-me, largue me, do contrario rache-lhe a cabeça com a minha batuta (mostrando o cacele)

Sinhá Mariquinhas—Ai! meu S. Benedicto! Vômos im-bora, mistres (sae correndo com o Inglez)

Sachristão—(largando a casaca do Regente, caindo de joelhos e benzendo-se) Creio em Deus Padre Todo Poderoso!... (o Regente sae apressado e cae immediatamente o panno da seguinte mutação, occullando, assim, o Sachristão aos olhos do publico)

MUTAÇÃO QUADRO X

(O panno do fundo representa o edificio do «Diario da Bahia», com porta e janella communicaveis; e os bastidores da esquerda representam o edificio do «Correio de Noticias», com porta tambem communicavel)

SCENA I

A FOLHA OFFICIAL E A FOLHA DA OPPOSIÇÃO

(São representadas por duas mulheres de saias, chaile atirado aos hombros, torso na cabeça, trazendo cada uma um cacete. As saias são brancas, representando gazetas, tendo em uma o letreiro «Opposição» e em outra «Official»; esta sae da porta do «Correio» e aquella da do «Diario».)

A Opposição—(para a outra) E' você, dislambida?...

A Official—Dislambida é ella, idiota...

A Opposição—Idiota é você, não se faça tola...

A Official—Tola é quem chama, grandicissima atrevida, malcreada...

A Opposição—Atrevida e malcreada é você, estúpida, e espere ahi que eu já lhe dou a resposta (entra pela sua respectiva porta)

A Official—Eu tambem amanhã lhe darei a resposta (entrã pela sua respectiva porta)

SCENA II

DEZ AGGRESSORES E UM MASCARADO

(Os Aggressores entram em scena embuçados e munidos de facas, punhaes e cacetes)

Mascarado—(puxando os Aggressores á bocca de scena) Vocês mettam o cacete e o punhal sem a menor contemplação e deixem o resto per minha conta, que nada lhes acontece... (sae apressadamente; os Aggressores entram mysteriosamente no «Diario da Bahia», e pouco depois ouve-se grande barulho de pauladas e gritos de soccorro no interior, e quasi ao mesmo tempo saltam 5 homens pela janella, os quaes saem correndo, e pela porta, correndo tambem, saem os Aggressores.)

SCENA III

A OPPOSIÇÃO, A OFFICIAL E DEPOIS O ZÉ-POVINHO

(saíndo ao mesmo tempo de suas respectivas portas)

Opposição—Isto é um aviltamento! Isto é uma baixesa! Protesto contra a aggressão!

Official—Apoiado ! Eu tambem protesto ! Nós podemos nos descompor, como regateiras, para fazer politica; mas não devemos admittir tão vergonhosa aggressão ! Vamos dirigir nossos protestos aos poderes competentes ! (*retiram se*)

Zé-Povinho—(*entrando*) Eu sou muito valente, mas quando o negocio cheira a cacete ou a ferro, não é comigo... Cada um que se agunte no balanço, porque eu mudo-me immediatamente de freguezia (*sae*)

MUTAÇÃO

QUADRO XI

A scena representa a ladeira de S. Bento, vendo-se ao fundo a respectiva igreja.

SCENA I

O 2 DE JULHO E DOIS SOLDADOS

O 2 de Julho—(*para os Soldados*) Pois então está combinado; porque eu estou num aperto de todos os diabos ! O meu monumento chegou aos pedaços da Italia, mas felizmente já está todo collocado. Os kagados, na verdade, estavam dando-me tratos á bola, mas estes já estão arrançados e muito bem collocados, porque estão suspendendo os candelábros e significando o nosso progresso no seculo das luzes ! Já mandei pintar os bronzes de bronzilho para ficarem mais lustrosos, e já mandei tambem concertar alguns estragos feitos nas peças de marmore com boas colheradas de cimento, e si houver tempo mandarei passar uma caiação em tudo aquillo: eu só quero que agrade ao *Zé-Povinho* . . .

1.º Soldado—E o monumento está bonito como diabo ! Já vi lá as armas da Republica . . .

2.º Soldado—E' verdade, o que significam as corôas de Portugal por cima da grade do monumento? . . .

O 2 de Julho—Homem, eu não sei ainda; mas acho que aquillo foi uma asneira como outra qualquer; mas não percamos tempo: eu já tenho os kagados, as aguias, os anjos e os leões; faltam-me, portanto, somente algumas figuras allegoricas, que são: *Catharina Paraguassú, o Rio S. Francisco, o Rio*

Paraguassú, o Caboclo e uma Mulata Velha; é só do que necessário. Vamos vêr si arranjamos a coisa da melhor forma possível, vamos fazer um verdadeiro recrutamento !

SCENA II

OS MESMOS E UMA ESCOCEZA

(atravessa vagarosamente o fundo da scena uma mulher vestida á escoceza)

1.º Soldado—Que cara !

O 2 de Julho—Oh ! que idéa ! Agarrem-n-a ! . . .

2.º Soldado—Más parece uma escoceza . . .

O 2 de Julho—Não faz mal, serve para *Catharina Paraguassú* ! Peguem-n-a, prendam-n-a, depositem-n-a na Estação e voltem *(os Soldados agarram a mulher)*

1.º Soldado—Está presa ! . . .

O 2 de Julho—Está recrutada para o monumento *(os Soldados desaparecem com a mulher, que segue debatendo se)*

SCENA III

O 2 DE JULHO E DEPOIS OS DOIS SOLDADOS

O 2 de Julho—Aquella escoceza não é *Catharina Paraguassú* nem aqui nem no inferno ! Mas, ora adeus, qualquer mulher póde servir, contanto que eu diga que é a propria . . .

1.º Soldado—O' senhor 2 de Julho, a escoceza dorme na Estação ?

O 2 de Julho—Até segunda ordem . . .

2.º Soldado—*(para o 1.º)* Caiu a sopa no mel . . .

SCENA IV

OS MESMOS E DOIS VELHOS

(trepegos, de compridas barbas brancas, apoiados em bastões, passando pelo fundo da scena)

O 2 de Julho *(reparando)* Oh ! que achado ! Aquelles dois velhotes bem podiam servir para os rios *Paraguassú e S. Francisco* *(para os Soldados)* Prendam ! Prendam ! . . . *(os Soldados obedecem)*

1.º Soldado—Estão presos todos dois...

O 2 de Julho—Estão recrutados (*para os Soldados*) Levem para a Estação. . . (*os Soldados levam os velhos e voltam pouco depois*)

SCENA V

O 2 DE JULHO E DEPOIS OS DOIS SOLDADOS E OS DOIS CABOCLOS

O 2 de Julho—Agora só me faltam o *Caboclo* e a *Mulata Velha*. . . (*entram os dois Soldados no momento em que os dois Caboclos atravessam o fundo da scena vagarosamente, um trazendo farda de coronel e outro com roupa de brim, chapéu do Chile, um pau no hombro, com uma trouxa, tendo os dois cabellos compridos, usando o coronel bigode e cavaignac*)

1.º Soldado—Olhe o coronel que veio do Maranhão comprimentar o Governo !

O 2 de Julho—E' caboclo?

2.º Soldado—Não está vendo ? Legítimo!

O 2 de Julho—Então prenda-o, prenda-o sem demora. . .

1.º Soldado—A um coronel ? !. . .

O 2 de Julho—A um diabo, contanto que seja caboclo. . .

2.º Soldado—E prendemos os dois ?

O 2 de Julho—Sim, senhor; eu fico com um e mando o outro para o 7 de Janeiro de Itaparica. . .

1.º Soldado—(*para os Caboclos*) Estão presos, estão presos. . .

O 2 de Julho—Estão recrutados! Sigam (*os Soldados seguem conduzindo os Caboclos, que se debatem, voltando depois*)

SCENA VI

O 2 DE JULHO E DEPOIS OS DOIS SOLDADOS

O 2 de Julho—Vae tudo a mil maravilhas ! E' só passar-lhe a navalha no bigode e no *cavaignac*. Estou com o meu *Caboclo* arranjado ! (*esfregando as mãos de contente—Entram os Soldados*)

1.º Soldado—O coronel quer mostrar a patente ao senhor..

O 2 de Julho—Elle que limpe o nariz com ella. . .

SCENA VII

OS MESMOS E A MULATA VELHA

1.º Soldado—Si aquella mulata não fosse velha...

O 2 de Julho—(*reparando*) Oh! que arranjo! A *Mulata Velha*! E' só passar-lhe um pouco de bronzilho e fica nova!
(*para os Soldados*) Prendam! Prendam!..

Mulata Velha—O *qui foi qui* eu fiz p'ra me *prendê*?!...

O 2 de Julho—Está recrutada para o monumento! *Levem-na!* (*os Soldados obedecem*)

Mulata Velha—Socorro!.. Socorro! Ai! minha Nóssa *Senhóra das Candeia!* (*desapparece com os Soldados, que voltam pouco depois*)

SCENA VIII

O 2 DE JULHO E DEPOIS OS DOIS SOLDADOS

O 2 de Julho—E brincando, brincando, estou com aquella gangorra prompta! Não me falta nada! (*entram os Soldados*)

1.º Soldado—Ainda falta recrutar alguém, senhor *2 de Julho*?

O 2 de Julho—Não senhor, não preciso de mais ninguem. Agora tragam-me todos os recrutados para passar revista... (*saem os Soldados*)

SCENA IX

O 2 DE JULHO E DEPOIS OS DOIS SOLDADOS
E OS RECRUTADOS

O 2 de Julho—Felizmente vou acabar de uma vez por todas com os *taes Caboclos da Lapinha!*... Ainda no principio a minha festa era bonita, até os proprios estrangeiros tomavam parte; depois transformou-se numa completa *chínfrineira!*... (*entram os Soldados e os Recrutados*)

Meus senhores e senhoras (*para os Recrutados*): bem contra a vossa vontade vou dar-vos uma gloriosa posiçã. Escolhi para cada um de vós um logar no meu colossal monumento;

e vós ides servir de admiração aos seculos e aos povos !.. Em linha, portanto ! Um passo á frente... sentido... ordinario... marchem !.. *(os Recrutados marcham escollados pelos Soldados e saem)*

SCENA X

O 2 DE JULHO

Tudo está muito bom e muito bonito; mas as subscrições esgotaram-se!... Do cobre cedido pela Assembléa, não ha mais nem um vintem, e é preciso quanto antes pagar o meu monumento... Ora, adeus !.. Não vale a pena estar perdendo o tempo ! Si houver dinheiro bastante para pagar o monumento muito bem, e si não houver, cada um que se agente, porque eu não hei de fabricar moeda falsa, e o *Zé-Povinho* já está farto de engazopadellas com umas tantas subscrições *evolulivas*, que acabam se evaporando nos bolsos de certos thesoureiros que eu conheço... E até logo, que vou tratar da collocação daquellas allegorias no meu monumento, que é só o que falta para fazer a inauguração. E, a proposito *(para a platéa)*, os senhores ficam desde já convidados para a solemnidade... *(sae apressado.)*

SCENA XI

O LITTERATO

(sobraçando um embrulho de livros) Ora até que afinal tomei um pouco de coragem e publiquei o meu segundo drama!..

Agora é preciso perder um pouco de vergonha e andar de porta em porta a passar o meu trabalho, do contrario nem ha cobres para pagar a impressão... Isto, realmente, é inacreditavel ! De graça todos querem, todos aceitam com intima satisfação; mas em se tratando de dinheiro, temos conversado... Arranjam sempre do pé para a mão umas desculpas de se tirar o chapéo...

—O senhor barão faz-me a fineza de accéitar um exemplar deste meu trabalho ? digo eu, dirigindo-me com as formalidades do estylo a um qualquer barão por ahi...

—Sinto muito, meu caro amigo, mas não posso acceitar porque sigo qualquer dos dias para a Europa...

Estão ouvindo os senhores?... E' uma resposta ou desculpa propria mesmo de um... barão ou de um padeiro, não concordam? Com franqueza?...

Mal viro as costas ao *assignalado* barão, eis-me face á face com um não menos illustre doutor, que se diz amante das lettras e se intitula o moderno Mecenas:

—Oh!.. meu caro doutor, digo eu cheio de esperanças, não imagina quanto estimei encontral-o, como que a Providencia guiou os meus passos... Ia agora mesmo ao seu escriptorio solicitar-lhe o obsequio de...

—A seu dispôr, responde-me elle em tom jovial e com um animador sorriso a bailar nos labios, terei sempre muita satisfação em sêr-lhe util, sabe quanto o estimo e quanto admiro o seu talento...

—Reconhecendo justamente isto é que tomava a liberdade de ir incommodal-o para que acceitasse um exemplar deste trabalho que acabo de tirar dos prélos...

—Ah!... já tenho...

—Como?!... Não é possível...

—Pois não, comprei hontem no *Catilina*...

—Perdão, o doutor está por certo enganado...

—Ah! tem razão, não foi no *Catilina*, foi na *Viuva Lemos*, agora me lembro...

—Continúa enganado, doutor, porque não ha ainda um só exemplar deste meu trabalho á venda...

—Não ha?!.. Ah!.. é verdade, onde estou eu tambem com esta cabeça!... Foi o Albino que deu-me de presente...

—O Albino?!... Tem toda certeza disto?...

—Absoluta, deu-me hontem á noite no *Sul Americano*, na occasião em que jantavamos, lembro-me perfeitamente...

—Mas si eu ainda não passei nenhum exemplar ao Albino, si o doutor é a primeira pessoa a quem me dirijo, si não faz ainda meia hora que retirei este trabalho da typographia, como podia o Albino?!...

Chegada a coisa a este apuro, os taes amantes e protectores das lettras da ordem desse tal doutor, e que geralmente possuem uma bibliotheca, mas de livros ou *filados*, sob o titu-

lo de emprestimo, ou offerecidos ou caloteados, fogem, é o termo preciso, fogem envergonhadissimos de tanta mentira pregada perante os céos e de tão triste figura representada perante a terra !...

E a gente obrigada a aturar toda esta sucia, mentirosos uns, tolos e malcreados outros, caloteiros ainda o maior numero, por amôr unicamente ás letras !... E escreva-se, escreva se nesta terra, tenha-se gosto e estimulo... (*reparando*) Ah !... ali vem tres cavalheiros que bem podem ficar com tres exemplares ..

SCENA XIII

O LITTERATO, O CRITICO, O REDACTOR E O COLLABORADOR

Litterato—(*dirigindo-se ao grupo*) Meus senhores, peço desculpa de, aproveitando a oportunidade (*apresentando um exemplar a cada um*), apresentar o meu modesto trabalho, que acabo de retirar dos prélos. Espero, confiado no cavalheirismo de pessoas tão distinctas, que não se recusarão a acceitar um exemplar, com o que terão prestado o seu valioso concurso ás letras patrias...

Critico—(*recebendo o livro*) Oh !... pois não, com muito gosto, fico summamente penhorado pela lembrança; conte com o meu juizo critico, não ha duvida...

Redactor—(*folheando o livro*) E igualmente agradeço a delicadesa da offerta, e si amanhã não estiver muito atarefado, farei uma noticia animadora pelas columnas do meu jornal, vá descansado...

Collaborador—(*guardando o livro*) Eu, si bem que não tenha a honra de conhecer o illustre cavalheiro sinão de nome, curvo-me tambem agradecido á gentileza que teve, offerecendo-me um exemplar deste seu trabalho, que hei de lêr e apreciar devidamente...

Litterato—(*á parte*) E esta ?!... Que systema de filança!... E' realmente aperfeiçoado e novo para mim (*alto*) Mas, cavalheiros, eu creio que ha um engano...

Critico—(*interrompendo*) Ora por quem é, não fale mais nis-

to; bem sei que o senhor não pediu-me nenhum juizo critico; mas eu é que espontaneamente quero distinguil-o com uma critica judiciosa e feita sob minha assignatura!...

Redactor—E eu com uma esplendida noticia na primeira columna de minha gazeta, louvando o talento, o merito, a importancia do trabalho do joven litterato...

Collaborador—Na qualidade de collaborador de uma das mais importantes folhas desta capital, hei de vêr si faço tambem um estudo litterario sobre os nossos hodiernos escriptores; pretendo até fazer um biographia delles; pelo que desde já peço-lhe a fineza de dar-me, quando puder, os seus traços: é uma fineza...

Litterato—(*á parte*) O que é que eu posso esperar mais destes *filantes*?!. Realmente eu só mereço chicóte... (*alto*) Meus senhores, agradecendo a todos tanto cavalheirismo, peço agora permissão para retirar-me porque vou até a cidade baixa ver si passo alguns exemplares a quem paga, afim de por minha vez poder tambem pagar a typographia...

Redactor—Faz muito bem, e não ha como o Commercio para estas coisas...

Litterato—Diz uma verdade, e com elle é que sempre nos achamos, eu e os meus companheiros... O Commercio paga e não bufa, e si bufa é para os caloteiros que, em geral, vestem casaca e calçam luvas de pellica, seja dito entre parenthesis. Eu, pelo meaos, tenho sido uma das muitas victimas... Tenho levado calote de padres, de doutores, de deputados, de senadores, mas ainda não levei nenhum do Commercio... O Commercio é quem nos garante, a todos nós, afinal de contas (*á parte*), gradicissimos *filantes*... E não têm a menor vergonha!... Tres livros, tres, assim perdidos com aquelles tres jacarés... E' o que eu digo: de graça todos querem e cada qual se julga com mais direito: um porque é amigo, outro porque é collega, outro porque é parente, outro porque é critico, outro porque é redactor, outro ainda porque é collaborador... do diabo que os carregue!... E escreva-se nesta terra, escreva se!... Decididamente eu devo quebrar a penna e montar uma fabrica de fazer gaiolas, que é negocio mais rendoso (*sae exasperado*)

SCENA XIII

OS MESMOS, MENOS O LITTERATO

Critico—(*rindo-se a bandeiras despregadas com os outros dois*) Ah!... ah!... ah!... ah!... ah!... ah!... ah!... ah!... ah!... E ainda dizem que não temos talento!... Quem é que pôde comnosco?... Somos ou não somos tres sabidos?...

Redactor—Somos tres gaiatos...

Collaborador—Para filar as obras...

Critico—Dos taes litteratos!..

Redactor—(*para o Critico, que folheia o livro*) Mas afinal de contas que vem a ser isto?

Critico—Isto é um drama...

Collaborador—Em que estylo está escripto?

Critico—Em prosa e verso...

Redactor—Então é opereta...

Collaborador—Mas eu pergunto qual é estylo e não o fundo: si é romantico, poetico, tragico, comico ou...

Critico—Ah!.. não tinha percebido bem; o estylo é dramatico, nem podia deixar de ser dramatico, desde que se trata de um drama, como já disse!.. Ora, você tambem agora!.. Esta sua pergunta cá me fica...

Redactor—Neste caso é um trabalho filiado á escola dramatica...

Critico—Sem duvida, da mesma forma que o romance é filiado á escola romantica e a poesia á escola poetica; é uma questão que já temos discutido e que não offerece mais contestação alguma.

Collaborador—E como é volumoso!..

Redactor—Parece uma these...

Critico—E das maiores...

Redactor—Homem, você (*para o Critico*) quer saber de uma coisa? Eu de hoje em diante não quero saber mais de condescendencias, é encontrar asneira e zás... passo a thesoura sem piedade, seja lá em quem fôr... Eu não era assim não, mas agora eu quero ser assim...

Critico—Apoiado! Ha muito que deviamos ser assim, ha muito que deviamos ter adoptado este systema. E' necessario

que o nosso grande talento seja respeitado por estes vagalumes pretenciosos...

Collaborador—Bravo!.. muito bem!.. Magnifica imagem!..

Critico—Você gostou?

Collaborador—Intrepidamente!

Redactor—Eu imagino quantas asneiras não estão aqui!..
(*folheando o livro*) Eu não digo, ora vejam, logo na terceira pagina, reparem (*os outros dois abrem tambem seus respectivos livros e acompanham a leitura*):

«*Atráz da velha mãe chorava o filho*»...

Critico—Heim? Como é isto?... Leia de novo com as pausas prosodicas.

Redactor—(*lendo*) *Atráz... da velha... mãe... chorava... o filho...*

Critico—Ora veja, eu bem estava notando qualquer coisa, ahí está o dente de coelho descoberto, o erro palpavel—a pontuação está errada, erradissima, deve ser: *atraz da velha*, virgula, de modo que a *mãe* fica concordando com o *filho*...

Collaborador—Homem, eu penso que a virgula deve ficar não na frente da *velha*, porém *atraz*...

Redactor—Tambem póde sêr, isto é uma simples questão de elegancia grammatical...

Collaborador—(*para o Critico, offerecendo um lapis*) Neste caso faça logo a emenda: bote a virgula *atráz*.

Critico—E a respeito de linguagem não me parece grande coisa...

Redactor—Sim, sim, é... é um tanto empirico...

Collaborador—A mim parece bastante esdruxulo na prosa, escola Camoneana, não tem que vêr, o que prova um grande atraso, o que prova não conhecer o puro *americanismo*—*nephilibata-histerologico*, o hyppersublime da linguagem nova, em triumpho contra o estylo inductivel, lamelliforme, desterrado ás cambadelas para as collectas archeologicas dos museus de velharia...

Critico—O verdadeiro é levarmos isto para casa para com vagar emendarmos todas estas tolices e disparates; nada, porém, de compaixão, meus amigos. E' necessario que o nosso

grande talento seja respeitado por estes vagalumes pretenciosos!...

Redactor—Apoiado!

Collaborador—Intrepidamente!

TERCETTO

(N. 35)

Bis { Somos tres sabidos,
Somos tres gaiatos,
Para *filar* as obras
Dos taes litteratos!...

Tudo quanto é livro,
Que se vende ou passa
No *Meio do Mundo*
Nós temos de graça!...

Bis { Somos tres sabidos,
Somos tres gaiatos,
Para *filar* as obras
Dos taes litteratos!...

(saem dansando e cantando a 2.^a parte da musica).

M U T A Ç Ã O

QUADRO XII

O panno do fundo representa a Praça da Piedade

SCENA I

Um Batalhão Patriotico, composto de homens, todos vestidos de branco, trazendo fchas de côres verde e amarella a tira-collo, chapéo de palha, capellas de folhetas de ouro ao hombro esquerdo, munidos todos de bandeiras brazileiras e flambeaux, atravessa a scena, dando uma volta pela mesma, tendo á frente uma banda de musica, trajando os musicos roupa igualmente branca. Possuidos todos de grande enthusiasmo, erguem requentes vivas ao «Dois de Jul ho,» ao Monumento, ao Povo

Bahiano, vivas que são calorosamente correspondidos, e desaparecem pelos bastidores oppostos aos da entrada. A banda de musica executa na passagem o n. 36.

SCENA II

Atravessa a scena, dando tambem uma ou duas voltas pela mesma, um grande Rancho de Populares (homens e mulheres), munidos uns de pratos e facas, outros de pandeiros e outros de violões, com que acompanham o canto, não dispensando tambem o acompanhamento de palmas, ainda outros, estando á frente de todos o Zé-Povinho, Mr. Beef e Sinhá Mariquinhas.

Sinhá Mariquinhas

(N. 37)

*Yôyôsinho estô cum tosse,
Me pérpare um chá de andús,
Apois quero de madrugada
Ir pórvar o seu cúscús*

Zé Povinho—Ahi damnada !...

CÔRO

*Yôyôsinho estô cum tosse,
Me pérpare um chá de andús,
Apois quero de madrugada
Ir pórvar o seu cúscús !...*

Mr. Beef—Mim ha de morre em *Meio de Munda!*

Sinhá Mariquinhas

*Em cima daquelle oiteiro
Passa boi, passa boiada,
Tambem passa mulatinhas
De trancinha cacheada!...*

Zé-Povinho—Viva *Sinhá Mariquinhas!*...

CÔRO

Em cima daquelle oiteiro
Passa boi, passa boiada,
Tambem *passa* mulatinhas
De tracinha cacheada !...

Zé-Povinho—Viva a frór da rapazeada !...

CÔRO

Vivó !...

(saem por entre estrepitosos vivas)

MUTAÇÃO

QUADRO XIII

GRANDE APOTHEÓSE

HONRA E GLORIA

O scenario representa o Campo Grande. No panno do fundo vê-se a pintura das propriedades lateraes, todas illuminadas. No centro do palco ergue-se o grandioso Monumento ao «Dois de Julho,» tambem festivamente illuminado e embandeirado.

A' direita e á esquerda do «Monumento», distribuido symmetricamente, acha-se o Batalhão Patriotico da scena I do Quadro XII, com a respectiva musica, chegando depois o Rancho dos Populares da scena anterior,) que forma duas grandes alas, ficando á frente de todos o «Dois de Julho,» que canta o hymno da «Independencia,» acompanhado unicamente pela orchestra, fazendo todos, patriotas e populares que estão em scena, o grande côro final, que é acompanhado pela orchestra e pela banda de musica do batalhão. Toda a scena da «Apotheóse é illuminada por fogos cambiantes.»

SCENA FINAL

O DOIS DE JULHO, PATRIOTAS E POPULARES

O Dois de Julho

(N. 58)

Orchestra

Já no azul do céu bahiano,
Aclarando a immensidade,
Brilha a aurora da esperança,
Brilha o só! da Liberdade!

«Nunca mais o despotismo
«Regerá nossa Nação,
bis { «Com tyrannos não combina
 { «Brazileiro coração !...

CÔRO GERAL

Orchestra e
banda.

«Nunca mais o despotismo
«Regerá nossa Nação,
bis { «Com tyrannos não combina
 { «Brazileiro coração !...

(O panno desce lentamente)

Fim da Revista



TYPOGRAPHIA E ENCADERNAÇÃO DO DIÁRIO DA BAHIA

101—PRAÇA CASTRO ALVES—101

